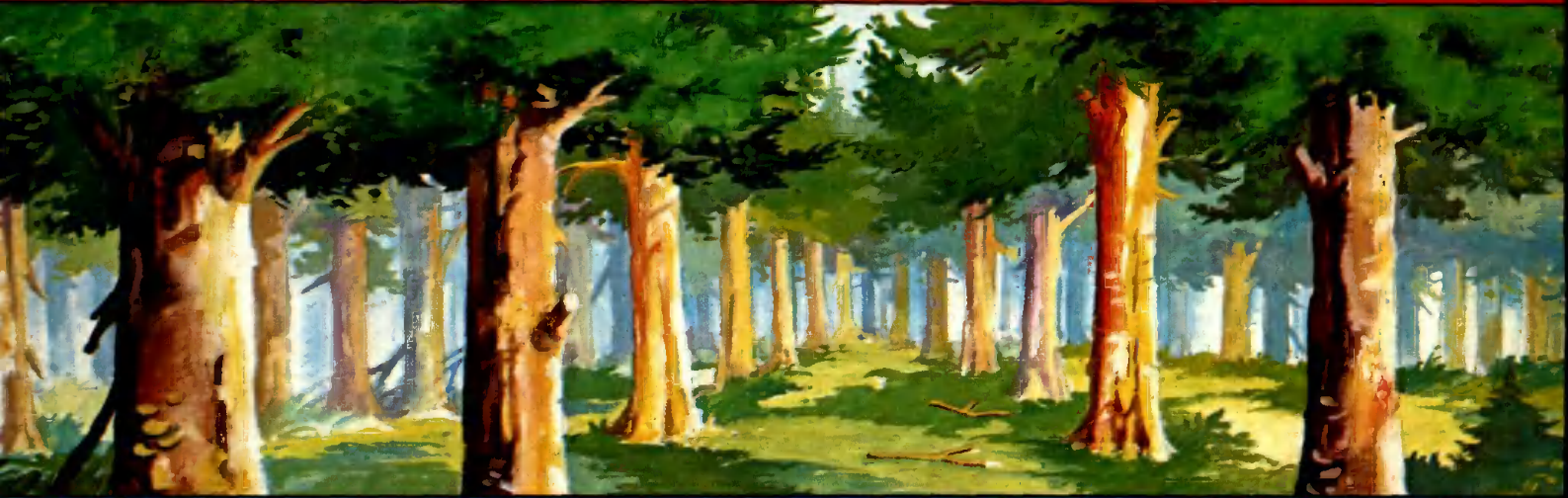


CELULOSE & PAPEL

ANO II - JULHO/AGOSTO 1986 - N.º 5

2(5)

O setor investe.
E cresce.



Estamos crescendo para atender melhor os nossos clientes



Para aperfeiçoar nosso atendimento aos clientes dos diversos segmentos em que atuamos, estamos crescendo. E é com satisfação que levamos ao conhecimento de nossos Clientes a inauguração de mais uma Unidade Industrial

no Paraná, a qual já está em funcionamento desde 05.07.86.

Com isto, vamos ficar melhor. E proporcionaremos um atendimento cada vez mais aprimorado a todos aqueles que nos têm distinguido.

Lorenal

Lorenz  National Industrial Ltda.

MATRIZ: 89100 – Rua São Paulo, 3068 – Blumenau – SC
fone: (0473) 23.2988 – telex: (0473) 323 IFCL BR
FILIAL SÃO PAULO: 05317 – Rua Aroaba, 409 – São Paulo – SP
fone: (011) 261.4400 – telex: (011) 31762 IFCL BR

PUBLIC.: P-001786
 CELULOSE & PAPEL 2(5) JUL./AGO, 1986

R

O CRESCIMENTO

Biblioteca



Horácio Cherkassky
 - presidente da ANFPC

“Para pleno atendimento aos mercados interno e externo torna-se essencial retomar os investimentos”

O Plano de Estabilização da Economia, já no seu quinto mês de existência, está gerando condições favoráveis para a retomada dos investimentos. Registra-se um contínuo aumento da demanda interna, com a inflação sob rigoroso controle: maior vigor da economia como atividade e o processo de redemocratização do País assegurando a necessária estabilidade política. No *front* externo, a valorização das moedas européia e japonesa, a queda dos juros e o aumento da demanda internacional estão assegurando, também, o crescimento das nações industrializadas e, com isso, ampliando nosso mercado de exportação.

No Brasil, nota-se que alguns setores examinam a retomada dos investimentos de forma mais cautelosa, procurando detectar tendências mais evidentes de sustentação do crescimento de consumo, aquecido na felicidade com que a população se engajou para fazer vingar o Plano Cruzado. Outros, entretanto, já decidiram levar adiante projetos lastreados nas metas de crescimento, balizadas pelo Governo como o cenário ideal para fazer avançar, conjuntamente, o programa de promoção do progresso social.

Na esteira das metas programadas pelo Governo, começa a ser repensado, como necessidade inerente e básica, o estabelecimento de uma política industrial — clara, duradoura e adequadamente compatível com a nova realidade econômica nacional. Esse projeto começa a ganhar contornos mais nítidos na observância do sistema democrático de participação dos empresários da iniciativa privada nas reuniões que se têm sucedido nas diversas áreas dos ministérios, e, em especial, do Ministério da Indústria e do Comércio. Essa participação do empresariado é imprescindível para se trilhar os caminhos do programa de desenvolvimento e atender ao chamamento do presidente José Sarney, preconizando que o setor privado se transforme no carro-chefe do crescimento.

No esboço de uma nova política industrial, o Conselho de Desenvolvimento Industrial, através de sua Câmara Setorial de Química e Bens Intermediários Não-

Metálicos, concluiu pelo grande potencial brasileiro em ampliar ainda mais sua posição de exportador mundial de celulose fibra curta de eucalipto. Identificou, ainda, que o setor de papel e celulose avançou largos passos nas conquistas tecnológicas de produção e que os custos e a qualidade de seus produtos, altamente competitivos no mercado internacional, constituem importantes fatores para ampliar ainda mais as vendas externas, que em 1984 atingiram US\$ 750 milhões. Um perfil, aliás já conhecido, na medida em que o Brasil deixou de ser dependente do exterior nesses importantes insumos básicos na década de 70 e, além de alcançar a auto-suficiência, transformou-se num dos seus principais exportadores.

Não obstante as conquistas realizadas e a evidente potencialidade do setor no cenário mundial, não podemos ocultar o fato de que neste ano as principais fábricas brasileiras de papel e, em especial, as de celulose, vão operar no limite de suas capacidades de produção.

Para o pleno atendimento dos mercados interno e externo, torna-se essencial a retomada dos investimentos — e quanto a isso, o setor e as autoridades governamentais estão conscientes. Em recente levantamento que efetuamos entre os associados da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, apuramos que os projetos em curso e as intenções de investimento do setor de celulose e papel, com entrada em operação nos próximos cinco anos, chegam à expressiva cifra de US\$ 2,9 bilhões. Com a execução destes projetos, estaremos adicionando à atual capacidade instalada mais 850 mil toneladas/ano de papel e cerca de 2.150 toneladas/ano de celulose.

Trata-se, sem dúvida, de uma retomada notável, com a qual o setor volta a oferecer novamente uma considerável parcela de contribuição aos planos de desenvolvimento do País.

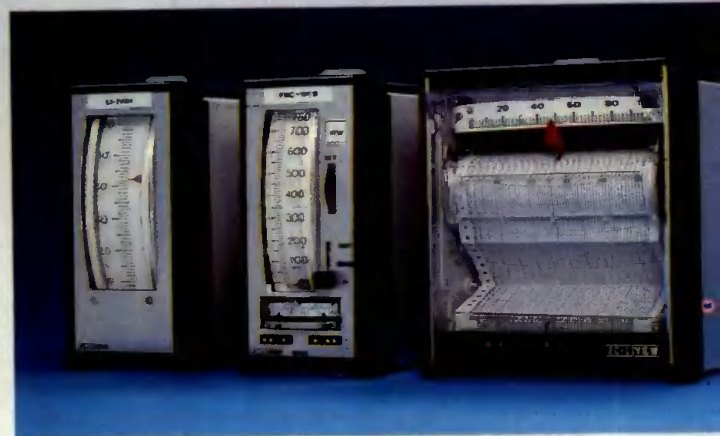
**Se você não usa instrumentação Ecil,
seu produto perde a fibra e vai de embrulho.**

A indústria papelreira exige o controle absoluto nas diferentes etapas da produção. Para isso, existe a Instrumentação Eletrônica de Controle série I, da Ecil. Uma empresa 100% brasileira, líder de mercado. E que, através do seu contrato de capacitação tecnológica com a Yokogawa Hokushin Electric Co., do Japão, garante o mais elevado padrão de exatidão e confiabilidade em todos os seus produtos.

Nos últimos 2 anos, a Ecil entregou 42 sistemas completos, representando 4.200 instrumentos e 1.400 malhas, além de 1.300 Controladores-Indicadores, Multiplicadores, Divisores, Registradores, etc., vendidos separadamente.

Na hora da implantação, reposição, reforma ou ampliação do seu sistema de controle, pense na única empresa que faz o projeto junto com você, que permite acompanhar a fabricação do sistema, instala, treina o seu pessoal e oferece assistência permanente.

Pense na Ecil. E solicite a visita de um técnico. Com ele, não tem rolo. E o seu produto vai fazer um bonito papel no mercado.



ECIL S.A.
Produtos e Sistemas
de Medição e Controle

Rua Funchal, 203 - 10º andar - V. Olímpia
Tel.: (011) 815-7122 - Telex: (011) 24078 ECIM BR
CEP 04551 - São Paulo - SP

CELULOSE & PAPEL

A revista **Celulose & Papel** é o órgão oficial da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose - Rua Afonso de Freitas, 499 - CEP 04006 - São Paulo - SP - Fone 544-1845.

Diretor Responsável

H. Horácio Cherkassky

Conselho Editorial

Alberto Fabiano Pires
Aldo Sani
Benjamin Solitrenick
Boris Tabacof
Jamil Aun
Marcelo L. Pilar
Osmar Zogbi
Ronaldo A. Guedes Pereira
Ruy Haidar
Lenomir Trombini

Conselho Consultivo

GT-2 - Divulgação
Coordenadora Geral
Sandra Maria Pegorelli



NÃO CONTAMINE
USE PAPEL

Celulose & Papel é produzida e editada bimestralmente pela Unipress Editorial



UNIPRESS EDITORIAL

Diretores

Alaôr José Gomes
Múcio Borges da Fonseca
Reginaldo Finotti

Editor

Antônio Albino Pinheiro Marinho

Redação

Denilson Vasconcelos, Celso Lungaretti (**Editores-adjuntos**) e Heliana Alvares

Colaboradores: Assis Barbosa, Lourenço Dantas Mota, Pedro Medeiros, Rubens Marujo (**Texto**), Israel Teixeira, Jaécio Santana (**Fotos**), Sílvio Sugita (**Diagramação**), Guilherme Kohnen (**Produção gráfica**), Mauro Capovilla (**Arte-final**), Beatriz Burger (**Revisão**).

Ilustração de capa: Barbist.

Publicidade: Antônio Carlos Azevedo.

Redação e administração: Av. Paulista, 2.006 - 11º andar - Cojs. 1.103 a 1.109 - Fones (011) 289-0841/289-1803/285-4104 — Telex (011) 32183 - CEP 01310 - São Paulo - SP.

Composição e Fotolitos: Linoart

Impressão: Grupo de Comunicação Três Ltda.



REENCONTRANDO SEU CAMINHO NATURAL

16

O Plano de Estabilização Econômica do Governo permitiu à indústria de papel e celulose reencontrar seu caminho natural. Ela já se prepara para iniciar nova fase de investimentos, considerados

indispensáveis para manter um ritmo de crescimento compatível com sua evolução recente e, também, com as necessidades do País.

DEMOCRATIZANDO O CAPITAL

23

Empresas de papel e celulose decidiram buscar, no mercado de ações, os recursos de que precisam para concretizar os seus planos de expansão. E os resultados têm sido excelentes.

ADQUIRINDO RITMO

26

O segmento de cartões para embalagem adquiriu um novo ritmo, após as marchas e contramarchas nos entendimentos para encontrar um deflator que não estagnasse os negócios.

DESTAQUE PARA OS GTs

32

Uma visão do que são realmente os Grupos de Trabalho da ANFPC e de como é importante o seu trabalho, dando apoio logístico às decisões da entidade em todos os campos.

ENERGIA ELÉTRICA: UM ALERTA

35

Importante entrevista de Benjamin Solitrenick, que analisa a situação de fornecimento de energia elétrica, ameaçado pela estiagem prolongada e a deficiência das linhas de transmissão.

PERFIL: O GRUPO TROMBINI

38

Atuando no mercado interno e externo, o Grupo Industrial Trombini tem doze empresas atuando no Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso e Bahia.

HOSPITAL DO SEPACO: UM BALANÇO

42

“Um Inamps que deu certo”: é como Jamil Nicolau Aun define o Hospital do Sepaco, que acaba de inaugurar moderno CTI, e continua cumprindo com eficiência os seus objetivos sociais.

E MAIS:

EDITORIAL - Horácio Cherkassky analisa a atual retomada dos investimentos..... 3

SUMMARY..... 6

NOTICIÁRIO..... 9

OPINIÃO - Luiz Gonzaga Murat Jr. aborda o tema do reflorestamento ... 14

SERVIÇO - O microcomputador da ANFPC às suas ordens 31

EVENTOS - Cursos, congressos de interesse do setor 46



COVER STORY: THE INDUSTRY INVESTS AND GROWS

Brazil's pulp and paper industry is again on course, with the government's Economic Stabilization Plan. It is preparing for a new phase of investments considered indispensable for maintaining a growth rate that is compatible with its needs. These investments will avert the threat of a pulp and paper shortage that is expected by the end of the decade. According to Horacio Cherkassky, President of the National Association of Pulp and Paper Producers, the industry's technological capacity and economic strength will allow it to anticipate market needs and effectively contribute to the process of the search for a new stage in the country's industrial development.

With this philosophy in mind, companies begin to undertake expansion projects, confident in a new market reality. Eighteen companies in six states have now begun projects or announced investment intentions, which total US\$ 2.9 billion. Once completed, pulp and paper production will have expanded 60 and 20 percent, respectively, by the end of the decade.

STOCK MARKET: AND EXCELLENT INVESTMENT OPPORTUNITY

With the increase in domestic consumption and new opportunities in international markets, pulp and paper companies are ready to begin large investments in capacity expansion. In order to complete this task, these companies realize that they will need a large influx of capital. Executives admit that with only internally generated financial resources and bank financing, it will be difficult to accelerate programs already under way. For this reason, they have decided to break the family ties that control their businesses, by taking their companies public. Never before have such a large number of pulp and paper companies gone to the stock market to obtain the resources they need. The results have been excellent. Market analysts have no doubts; in times of economic change, one should invest in stocks of exporting companies.

INTERVIEW: ENERGY SUPPLY

In terms of energy, today's greatest problem is the lack of reliability in the supply of electric power. This is due two factors: the prolonged drought and insufficient transmission line capacity.

According to Benjamin Solitrenick, Energy Coordinator for the National Association of Pulp and Paper Producers - ANFP, Vice-President for Energy and Technology of the APFPC, and Technical Director of the Companhia Suzano de Papel e Celulose, one of the solutions is energy conservation. Only over the medium term will the government be able to install new transmission lines and increase generating capacity.

EDITORIAL: CONDITIONS ARE AGAIN FAVORABLE

The Economic Stabilization Plan, already in its sixth month of existence, is generating favorable conditions for new investments. Domestic demand continues to increase, with inflation under strict control. Greater economic activity and the redemocratization of the country are ensuring necessary political stability. On the external front, the strengthening of the European and Japanese currencies, the lowering of interest rates and increase in international demand also mean growth for the industrialized nations, and at the same time, larger export markets for Brazilian products.

It is without a doubt, a remarkable recovery, in which Brazil's industry can once again offer a substantial contribution to the development of the country.

INFORMATION: WORK COMMITTEES

Decision making is impossible without information. For this reason, the National Association of Pulp and Paper Producers - ANFP - has created its work committees. There are 21 groups providing support for the Association's decisions regarding markets, science, technology and the administration of human resources. This is a very important job which deserves mention in this edition.

MARKET: FOLDING CARTONBOARDS

After many false starts, price negotiations were successfully completed with folding cartonboard consumers, and the segment could resume its activities. The free negotiations were a prolonged process, but good sense prevailed on both sides. Now producers and consumers can look to the future with confidence due to the stability brought by the new Cruzado Plan.

PROFILE: THE TROMBINI GROUP

The Trombini Group operates in a large part of the country, through its twelve companies, in the states of Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso and Bahia. The group's activities include reforestation, pulp and paper, single and multiwall bags, corrugated containers and equipment for the paper packaging industry, as well as agriculture and cattle raising.

Active in the domestic and export markets, the Trombini Group is today a significant producer of corrugated containers and multiwall bags with a domestic market share of 11 and 15 percent, respectively. The group also owns 50,000 hectares of land with native forests, and a reforestation base of 80 million trees.

PELA PRIMEIRA VEZ NA TELEVISÃO: O PAPEL.

A Cia. Suzano sempre se destacou pelo seu pioneirismo na área industrial. Seja como a primeira empresa no mundo a fabricar papel 100% celulose de eucalipto, seja desenvolvendo a biotecnologia aplicada à atividade agroflorestal, ou trazendo para o Brasil as mais avançadas máquinas da indústria papeleira internacional. Desta vez a Cia. Suzano inovou também na área do marketing. Inaugurou um sistema de distribuição descentralizada, montou um eficiente serviço de orientação e assistência ao consumidor e colocou no ar, pela primeira vez no Brasil, uma completa campanha de publicidade.

Nunca uma companhia fabricante de papel havia ido até a televisão para falar da importância do papel na vida de um escritório e, principalmente, da importância dos pequenos personagens que fazem o sucesso dos grandes. A Cia. Suzano levou o seu papel Report para a televisão. E o reconhecimento do público foi traduzido em números que mostram como o Brasil estava pronto para receber sua mensagem.



Cia. Suzano de Papel e Celulose
Empresa Nacional de Capital Aberto.



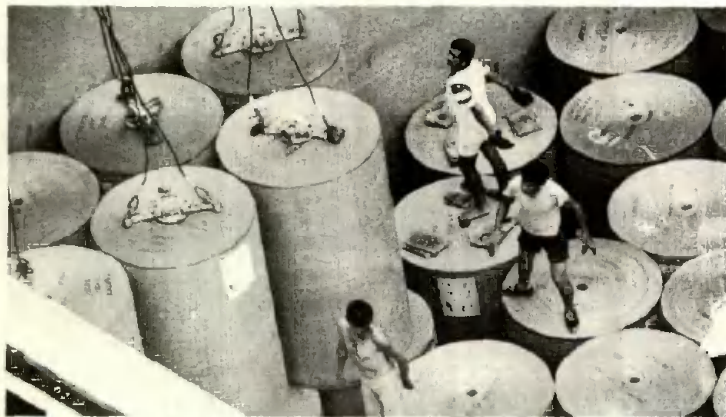
ESTE É O NOSSO PAPEL NO PRESENTE.

Quem olhar hoje para os 40.000 m² de canteiros e estufas da Klabin vai enxergar o futuro. E muito bem cuidado. São 16 milhões de mudas produzidas anualmente, todas elas destinadas ao reflorestamento. Por essa razão a Klabin tem atualmente 160.000 hectares de Pinus, Eucalyptus e Araucária concentrados no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A Klabin também dá especial atenção à pesquisa biogenética, empregando as mais modernas técnicas de propagação vegetal. O resultado disso é a garantia de florestas muito mais produtivas, possibilitando assim a extração de madeira da mais alta qualidade, ideal para a fabricação de celulose. A Klabin faz esse trabalho sério há muitos anos, visando o aperfeiçoamento da qualidade, custos mais competitivos e auto-suficiência no presente e no futuro. Porque o que para você pode parecer coisa do futuro, para a Klabin é apenas o presente.



Indústrias Klabin
Papel e Celulose

PARANAGUÁ: IKPC AMPLIA TERMINAL.



Maior agilidade nos embarques.

A empresa Klabin de Papel e Celulose está ampliando seu terminal de exportações no porto paranaense de Paranaguá para atender à expansão de suas vendas externas que, atualmente, alcançam a média de 10 mil toneladas/mês. Um novo armazém estará concluí-

do em setembro, permitindo uma capacidade adicional para outras 12 mil toneladas. A Klabin mantém outro terminal no porto belga de Antuérpia, para agilizar o atendimento aos clientes do Mercado Comum Europeu.

AS NOVAS DIRETORIAS DAS ENTIDADES: 86 a 89

As entidades que congregam as empresas produtoras de celulose e papel elegeram suas novas diretorias, já empossadas, com mandato para o triênio 1986/89. A nova composição dos quadros dirigentes, após o pleito é a seguinte: ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose

Conselho Consultivo: H. Horácio Cherkassky, Osmar Elias Zogbi, Aldo Sani, Jamil Nicolau Aun, Odair Ceschin, Cléo de Assis, Frederico de Alvin Padilha, Luiz Fernando Gomes Franco, Ricardo Antônio Figueiredo, José Carlos V. Reis Pereira, Gilberto M. Garcia. **Diretoria:** Presidente - H. Horácio Cherkassky; Vice-presidentes - Boris Tabacof, Aldo

Sani, Armando Vieira Neto, Abrahão Zarzur, Lenomir Trombini, José Carlos Pisani, Luís Chaloub; 1º Secretário - G. Kurd Riecken; 2º Secretário - Paulo Bastos Cruz Filho; 1º Tesoureiro - Ruy Haidar; 2º Tesoureiro - Tharcisio C. Tortelli.

Conselho Fiscal: Efetivos - Marcello L. Pilar, Antônio Carlos Araújo, Marcos Domakosky; Suplentes - Plínio Haidar, Vicente Forte Filho, Ricardo Tannuri.

APFPC - Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose

Diretoria: Presidente - Osmar Elias Zogbi; Vice-presidentes - Dante Emílio Ramenzoni, Alberto Fabiano Pires, Benjamin Solitrenick, Mauro Gonçalves

Marques, Adhemar Magon, Murilo R. de Araújo, Raul Calfat; 1º Secretário - Célio Peres; 2º Secretário - Nelton de Zorzi; 1º Tesoureiro - Paulo Bastos Cruz Filho; 2º Tesoureiro - Adjalma Lagazzi.

Conselho Fiscal: Efetivos - G. Kurd Riecken, Luiz Gonzaga Murat Jr., J. Claudius Knizek Szekely; Suplentes - Milton Mazzini, Odair Alonso Garcia e Adhemur Pilar.

Sindicato da Indústria do Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel no Estado de São Paulo.

Diretoria: Presidente - Jamil Nicolau Aun; Vice-presidente - Ruy Haidar; 1º Secretário - Fernando A.S. Camargo; 2º

Secretário - G. Kurd Riecken; 1º Tesoureiro - Ronaldo A.G. Pereira; 2º Tesoureiro - Dante E. Ramenzoni; Suplentes - Walter Zarzur Derani, José Bignardi Netto, Sérgio Cattini Maluf, Segismundo R. José Cloni, Restom Lahud, Oswaldo Lazaretti.

Conselho Fiscal: Efetivos - Luiz A.S. de Vasconcellos, Adjalma Lagazzi, Milton Mazzini; Suplentes - Miguel loels, José Dishtchekenian, Olympio da Silva Caseiro.

Delegados Representantes junto à Fiesp: Efetivos - H. Horácio Cherkassky, Boris Tabacof; Suplentes - Osmar Elias Zogbi, Paulo Bastos Cruz Filho.

EM BUSCA DE NOVA POLÍTICA INDUSTRIAL

Successivas reuniões entre empresários e representantes do Governo tiveram lugar no Ministério da Indústria e do Comércio, com o objetivo de colher a opinião dos empresários para o estabelecimento de uma nova política industrial que o ministro José Hugo Castelo Branco apresenta à apreciação do presidente da República.

Participaram dos debates,

técnicos dos ministérios da Fazenda, Desenvolvimento Urbano, Ciência e Tecnologia e da Secretaria de Planejamento. O setor de celulose e papel participou ativamente dos encontros no âmbito da Câmara Setorial de Química e Bens Intermediários Não-Metálicos, através do presidente em exercício da ANFPC, Boris Tabacof.

SUZANO TEM NOVO CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO EM SP

Mais qualidade na apresentação, menos tempo na expedição e melhores condições de trabalho para quem manuseia e transporta o produto. Unir estas três qualidades foi o objetivo da Companhia Suzano de Papel e Celulose ao planejar seu novo centro de distribuição de produtos acabados, ao lado da fábrica da cidade paulista de Suzano, na rodo-

via Prudente de Moraes (antiga Rio-São Paulo). De lá sairão diariamente 1.100 toneladas para o mercado interno. Cerca de cem caminhões diários.

Antes, a distribuição era dispersa. Quem fosse apanhar papel da Suzano tinha que ir para São Miguel Paulista, onde a empresa mantinha um armazém com capacidade de estocar 8 mil t; para Itaquaquecetuba.

onde haviam dois armazéns, cada um com 3.580 t; ou até dois alugados, em Suzano e Ribeirão Pires. Agora, com a distribuição centralizada ao lado da fábrica, os caminhoneiros contam com instalações sanitárias e uma lanchonete que serve refeições a um preço 20% inferior ao do mercado com atendimento diuturno.

Se de um lado os caminhoneiros ganham ao dispor de condições mais humanas de trabalho, de outro, a empresa obtém vantagens que justificam o investimento. Segundo o gerente de operações da Suzano, Dirceu Osti Jr., mais rapidez na entrega é um ponto de venda. "Antes, um pedido de estoque era entregue em 72 ho-

ras, hoje, atendemos em 24 horas" — diz ele.

Outra vantagem: o tempo de carregamento. Antes, consumia, em média duas horas, e agora, diz Osti Jr., "temos condições de diminuir o tempo em até uma hora. E quando tudo estiver bem sincronizado, o tempo de carregamento chegará a meia hora".

Além disso, como a Suzano evita tirar o papel da fábrica, levá-lo para um armazém distante, estocá-lo e depois expedi-lo, "o manuseio das embalagens é menor", diz Osti Jr., "por isso, ganhamos na apresentação pois quanto mais se mexe, mais estraga. Assim, hoje, o produto chega ao cliente bem apresentado".

NOVA FÁBRICA DA ALBANY, EM INDAIAL.

Com a inauguração de sua nova fábrica, a Albany do Brasil está ampliando em cerca de 30% sua capacidade de produção. A unidade fica em Indaial - a 170 km de Florianópolis e a 13 km da antiga fábrica de Blumenau (SC). Operando no País há 15 anos, a Albany fabrica feltros úmidos e telas secadoras para máquinas de produzir papel. Sua nova fábrica, com capacidade de produção de cerca de 55 mil toneladas mensais, que exigiu investimentos de US\$20 milhões, é a maior em tamanho (22.770 m²) já construída pelo grupo

de uma só vez, perdendo apenas para a unidade de St. Stephens, Carolina do Sul (EUA).

A empresa brasileira é subsidiária da Albany International Corp., grupo criado em 1895, nos Estados Unidos, que está presente em 13 países, com 28 fábricas. Juntas, essas unidades consolidaram, em 1985, um faturamento de US\$300 milhões (Cz\$4,1 bilhões). Fora dos Estados Unidos, a subsidiária brasileira assume o terceiro posto em importância — atrás apenas do Canadá e da Suécia.

MÃO-DE-OBRA EM ASCENSÃO

O setor de celulose e papel continua mantendo o ritmo de oferta de emprego. No primeiro trimestre deste ano, os acréscimos correspondentes sobre o mesmo período do ano passado foram constantes. Em

abril, por exemplo, com 76.180 empregados apenas no setor industrial, houve um crescimento de 2,4% sobre os 74.373 empregados registrados no mesmo mês em 1985.

EMPRESÁRIOS E BNDES REUNIDOS: EM PAUTA, O PLANO DE AÇÃO 86.



Na mesa: Nelson Duplat, Horácio Cherkassky e Jamil Aun.

Os contatos entre o setor celulósico-papeleiro e o BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social não são novidade, mas voltam a ser ativados com força total. No dia 15 de julho, o auditório da ANFPC se tornou pequeno para a reunião entre dirigentes e empresários do setor com o chefe do Departamento de Indústria Química do BNDES, Nelson Duplat. O encontro, conforme o presidente da ANFPC, Horácio Cherkassky, objetivou colher a opinião dos empresários e do banco sobre as perspectivas de viabilização de projetos de investimentos no setor de celulose e papel para atender o mercado externo e interno, dado à crescente demanda e as disponibilidades do banco.

Durante cerca de três horas foi esboçada uma reavaliação do Plano de Ação do setor para 1986 que, embora aprovado em maio, "foi elaborado antes da reforma econômica, o que o torna obsoleto, porque se refere a um Brasil que não existe mais no que tange à atividade

econômica, à demanda e ao setor de celulose e papel, especificamente" — na opinião de Duplat.

Ao final do encontro, depois que foram esquadrinhados os problemas do presente e as perspectivas do setor para médio e longo prazo, Jamil Nicolau Aun, presidente do Sindicato da Indústria do Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel no Estado de São Paulo comentou que a reunião serviu para um levantamento de opiniões, no sentido de se ver quais os projetos de celulose e papel que podem ser viabilizados e a maneira de encaminhá-los, "dado o alto grau de investimentos e capital intensivo que exigem para atender à crescente demanda do mercado interno e de exportação". Na opinião de Jamil Aun, "essa foi uma reunião altamente esclarecedora para o BNDES, porque o banco pode sentir a realidade do setor, o nível de demanda — que cresce ano a ano — e o montante de investimentos necessários para que a indústria celulósico-papeleira atenda a essa demanda".

RIPASA INVESTE EM PROTEÇÃO AMBIENTAL

A Ripasa centralizou o controle das ações de proteção ambiental junto à superintendência do conglomerado, em São Paulo. O responsável pela área é o engenheiro químico João Baptista Galvão Filho, mestre em Ciências de Engenharia Ambiental, com especialização em Controle da Poluição do Ar, pela Universidade de Cincinnati, EUA, e ex-coordenador do Programa de Controle da Poluição Ambiental de Cubatão, desenvolvido pela Cetesb - Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental, empresa do Governo de São Paulo responsável pela avaliação e controle da poluição no Estado.

O Conglomerado Ripasa está investindo US\$ 23 milhões em sistemas de proteção ao meio ambiente, sendo que US\$ 13 milhões estão sendo gastos em dois anos (1985 e 1986).

O conglomerado reuniu uma das melhores equipes do Brasil, especializada em avaliação, controle e preservação ambiental. São cerca de 50 funcionários, um completo laboratório para avaliação da qualidade dos efluentes líquidos e gasosos, um laboratório para fins ambientais.

“Estamos investindo uma preciosa soma de recursos hu-

manos e equipamentos para proteção ambiental e queremos consolidar uma filosofia de trabalho baseada em produtividade” — explica Osmar Zogbi, superintendente do conglomerado. “A maior parte desses investimentos está dirigida para nossa unidade de celulose em Limeira, na divisa com Americana, a 120 quilômetros da cidade de São Paulo. Todas as nossas unidades, porém, estão envolvidas nesse processo, que pressupõe aperfeiçoamento tecnológico, de mão-de-obra e das condições de trabalho.”

“Todos esses investimentos em proteção ambiental e a nossa preocupação maior com a unidade de fabricação de celulose de Limeira são justificáveis porque as emissões de compostos de enxofre provenientes de fábricas de celulose são as que exigem maiores pesquisas ao nível de ciência e tecnologia” — argumenta o engenheiro Galvão. “Já conseguimos bons resultados com a adequada operação e manutenção dos equipamentos instalados e através de medidas que visam conscientizar os funcionários da importância desse trabalho. E nossas emissões odoríferas já se encontram quase que totalmente dentro de padrões internacionais”.

EMPRESA QUER IMPORTAR PASTA DE CONÍFERAS

A Latex SRL, empresa italiana, procura contato com empresas brasileiras produtoras e exportadoras de celulose com as seguintes características: pasta química de coníferas, ao sulfato, branqueada,

com possibilidade de importação anual da ordem de 10 mil toneladas. Para maiores informações, entrar em contato com a Latex SRL ou o Secom da Embaixada do Brasil em Roma.

REDUÇÃO NO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA

O Procel - Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica, instituído pelos Ministérios das Minas e Energia e da Indústria do Comércio, começa a ser ativado pelo setor industrial. Até o mês de setembro, as empresas estarão recebendo o “Manual de Conservação de Energia Elétrica na Indústria de Celulose e Papel”, que está sendo elaborado pela ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose com o apoio da ABCP — Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel, e da Agência para

Aplicação de Energia, órgão integrado pela Cesp, CPFL, Comgás e Eletropaulo.

Segundo Benjamin Solitrenick, coordenador do Grupo de Energia da ANFPC, desde 1982, a entidade vem realizando levantamentos técnicos-estatísticos sobre o consumo de eletricidade pelo setor. Atualmente, a principal fonte energética para fins de geração de vapor na indústria de papel e celulose é a biomassa florestal, que responde por 41,03% de toda a energia consumida nessa área.

ESTUDO E PERFIL ENERGÉTICO DO SETOR

Durante o mês de julho o GT-13 (Energia) fechou o novo Sistema de Informações Gerenciais *Estado de Produtividade de Utilidades no Setor de Celulose e Papel*, que amplia e substitui o *Estado de*

Produtividade de Óleo Combustível, instituído em 1978. Desse estudo, será preparado o *Perfil*, a ser remetido aos associados da ANFPC e outros interessados, na forma de matriz tecnológica.

PAPÉIS SOFISTICADOS MADE IN BRAZIL

Uma bem-sucedida experiência de *marketing* livrou o Brasil de importar papéis sofisticados, mais nobres, para imprimir ou escrever em peças mais requintadas. Desde o começo do ano a Cia. Suzano de Papel e Celulose lançou a linha especial “Classic”, uma coleção de diversos tipos de papéis nobres (couchê fosco, textura, vergê, com marca d'água etc.), que está facilitando o trabalho das agências de publicidade.

O mercado absorveu bem o lançamento e a empresa resolveu ampliar a linha Classic que está dando lugar, em São Paulo, à abertura de pequenas lojas especializadas exclusivamente em vendas de papéis finos, a exemplo da Europa e dos Estados Unidos. São, num só pacote, cinco tipos de papéis nobres e quatro gramaturas em três cores, para imprimir e escrever e para obras de alta classe.

UM ESPAÇO ONDE OS ARTISTAS PRODUZEM SEU PRÓPRIO PAPEL

O papel feito a mão é um verdadeiro instrumento artístico. A partir dessa constatação, o Grupo Simão criou a primeira oficina artesanal de papel do País, com o objetivo de "difundir a arte em papel, resgatando os processos históricos e naturais de sua fabricação e integrar a indústria papelreira no contexto da comunidade".

Inaugurada no dia 20 de junho, a Oficina Artesanal de Papel Simão Karam Racy, na rua do Manifesto, 931, Ipiranga (SP), estará aberta ao público leigo ou especializado, que queira aprender não só as técnicas de fabricação de papel artesanal, como suas diferentes aplicações.

A idéia de criar a oficina vem sendo amadurecida com carinho a partir de um projeto anterior da empresa. Tudo começou há cerca de dois anos, quando a Simão resolveu investir no melhor relacionamento com a comunidade do Ipiranga, onde está instalada sua unidade de São Paulo.

A coordenação do projeto e a montagem da oficina é do artista plástico Otávio Roth — membro da Associação Mundial dos Historiadores de Papel e introdutor, no Brasil, do processo de fabricação de papel. Roth e Thaís Racy — diretora do Grupo Simão —, idealizadores da oficina, explicam que o projeto está voltado para a promoção intercâmbio entre a cultura papelreira e a produção em geral. Ali os artistas gráficos encontrarão espaço e recursos para produzir seu próprio papel, em texturas, pesos e cores que atendam à sua criatividade. Em troca, poderão dar cursos e palestras sobre seu trabalho.

Além disto, serão promovi-

Fotos Arquivo



O ministro Celso Furtado descerra a placa comemorativa...



... e produz seu papel.

das exposições de arte em papel, ou de objetos que versem sobre o tema, como a mostra de uma antiga coleção de livros em papel artesanal. Segundo Thaís Racy e Otávio Roth, no que depender da oficina, livros e documentos antigos não mais

se perderão, pois ela também estará capacitada a ensinar como preservar e recuperar o papel.

A Oficina Artesanal de Papel Simão Karam Racy contribuirá, ainda, para a reabilitação do papel junto à comunidade, que, envolvida diariamente com o produto nem se dá conta de seu valor. Aprender a fazê-lo com as próprias mãos é uma maneira de reavaliar sua importância. E a utilização de papéis velhos na fabricação artesanal leva a uma nova visão sobre esse produto. "A humanidade precisa cada vez mais aprender a reciclar seus papéis velhos, sob pena de vê-los faltar futuramente" — dizem os idealizadores da oficina. Isso vale especialmente para as crianças, que já vinham sendo reunidas pela Simão, aos domingos, em praças e ruas, para aprenderem a fazer papel.

A oficina, porém, não é tudo. Num contexto mais amplo,

a Simão tem feito intervenções culturais, através da doação de papel para artistas plásticos ou para a confecção de livros e cartazes especiais. Exemplo recente é a exposição das obras de Picasso, no Masp — Museu de Arte de São Paulo —, que contou com papel da Simão para a produção de livro sobre a mostra.

Por não conter produtos químicos em sua elaboração, o papel artesanal oferece maior resistência, amarela menos e dura mais do que o industrial. Em contrapartida, apresenta limitações de uso, especialmente para impressão em escala industrial. É um papel que cai bem quando utilizado artesanalmente, para manuscritos ou trabalhos de arte.

O renascimento desse tipo de material é um fenômeno recente e tem-se manifestado como uma tendência estética e cultural em todo o mundo. Os artistas plásticos em geral, preocupados com a preservação dos seus valores, são os mais interessados em reabilitá-lo. Isto porque o papel industrial, produzido em escala, não satisfaz integralmente como suporte de arte personalizada e durável. A criação da oficina, portanto, insere-se nesse momento.

O diretor da Simão, Plínio Assman, informa que no próximo ano a empresa deverá promover uma mostra com o trabalho dos artistas que usam o papel feito a mão criado a partir da oficina. Mais ainda: os planos da empresa prevêem a criação de uma espécie de museu vivo, que conte a história do papel. Esse museu será inaugurado com a máquina nº 1 da Simão, a primeira fabricada no Brasil e ainda em operação.



A Nova Ripasa tem duas prioridades: proteção ambiental e produtividade.

O Conglomerado Ripasa tem consciência da importância do papel e da celulose para o desenvolvimento do País. Mas tem consciência, também, dos problemas e das dificuldades para harmonizar produção e proteção ambiental. A Ripasa está investindo 23 milhões de dólares em projetos e equipamentos voltados para a proteção do meio ambiente.

O Conglomerado montou uma das melhores equipes brasileiras para avaliação, prevenção e controle da poluição e preservação ambiental.

Na área florestal, a Ripasa reúne oito parques com 46.000 hectares de áreas para reflorestamento, viveiros de plantas e projetos agrícolas. Renovar a natureza é uma preocupação constante. Queremos crescer enquanto empresa.

E também queremos contribuir econômica, social e ecologicamente para o desenvolvimento do País. Por isso, na Nova Ripasa, produtividade está intimamente associada à preservação do meio ambiente.



REFLORESTAMENTO: ALGO DE NOVO?



Luiz
Gonzaga
Murat Jr.*

A pós anos de relativa estabilidade no suprimento florestal, o balanceamento entre oferta e procura volta a preocupar.

Entre as diversas prioridades de trabalho desenvolvido pelo setor de papel e celulose destaca-se o reflorestamento, que tende a tornar-se cada dia mais um fator estratégico a exigir ações coordenadas e de longo prazo.

Após anos de relativa estabilidade no suprimento florestal, o balanceamento entre a oferta e a demanda de madeira está assumindo crescente preocupação no setor, já que se constitui em sua principal matéria-prima e insumo energético. A explosão da demanda de madeira não está sendo acompanhada da expansão das áreas florestais, nas regiões onde se verificam as principais concentrações industriais. Diversos estudos efetuados pelas entidades de classe nacionais — entre elas ANFPC, Abracave, SBS etc. — têm exaustivamente comentado essa preocupação e sugerido políticas para tratar do problema.

Faz-se oportuno destacar o documento (preparado pela SBS-Sociedade Brasileira de Silvicultura e subscrito por todas as associações nacionais dependentes direta ou indiretamente do reflorestamento) "Avaliação dos Incentivos Fiscais ao Reflorestamento, Posicionamento do Setor Florestal Brasileiro", que conclui ser imprescindível:

- a - "Criar dispositivos que dêem capacidade financeira e administrativa ao IBDF, tornando-se suficientemente forte para poder cumprir suas funções de fiscalização e orientação, à altura da importância de que se reveste;
- b - criar um mecanismo complementar aos atuais projetos de reflorestamento, de forma a permitir identificar a relação custo x benefício dos empreendimentos levados a efeito com o amparo do Fiset;
- c - estabelecer programas a longo prazo, compatíveis com as necessidades do País, de forma a permitir um planejamento florestal adequado, de acordo com sua rotatividade;
- d - criar um sistema predefinido, com o objetivo de servir de guia para a distribuição de cartas-consulta, imune, no ato das decisões, a interferências econômicas e políticas;
- e - criar um mecanismo capaz de estabelecer um vínculo jurídico eficiente, entre Fiset, IBDF, investidor e beneficiário;
- f - criar normas rígidas que permitam clara identificação de responsabilidades, tanto dos controladores quanto dos beneficiados, de forma a evitar que iniciativas negativas de poucos possam comprometer a imagem do setor no seu todo;
- g - criar mecanismos no sistema de incentivos fiscais, de forma que os fatores de produtividade sejam pontos decisivos na avaliação dos beneficiários, a fim de forçar estímulos nesse campo".

Além da publicação desse documento, que resumidamente ordena as estratégias e políticas que o setor entende como mais adequadas, as associações uniram-se em torno da SBS para que, a partir de agora, ela passe a coordenar os assuntos florestais que as associações, individualmente, vêm tratando há anos. A SBS acaba de promover profunda alteração nos seus estatutos sociais, de forma a permitir que as associações possam ter um fórum mais apropriado e dinâmico para discussão de assuntos de interesse comum.

Paralelamente às ações de médio e longo prazo, que vêm sendo tomadas ou que foram sugeridas e aguardam definição dos órgãos públicos, é de suma urgência uma ação de curto prazo, que consta da aprovação das cartas-consulta para o programa de reflorestamento no momento adequado. No presente ano, a aprovação atrasou tanto que vem causando dificuldades às empresas florestais, pois, em algumas regiões do País, as operações de campo já deveriam ter sido iniciadas para que o plantio pudesse ocorrer quando do início das chuvas.

Lembramos que as modificações advindas do Plano Cruzado (com a extinção da correção monetária), permitem ao IBDF aprovar um programa florestal para 1986 bem superior aos dos anos anteriores; diante disso, o setor de papel e celulose espera com ansiedade a possibilidade de ampliar a área a ser reflorestada com incentivos fiscais.

Concluindo, destacamos que, no correr deste ano, teremos mais uma oportunidade para ampla discussão da política florestal brasileira: o V Congresso Florestal Brasileiro, de 23 a 28 de novembro, em Olinda-PE.

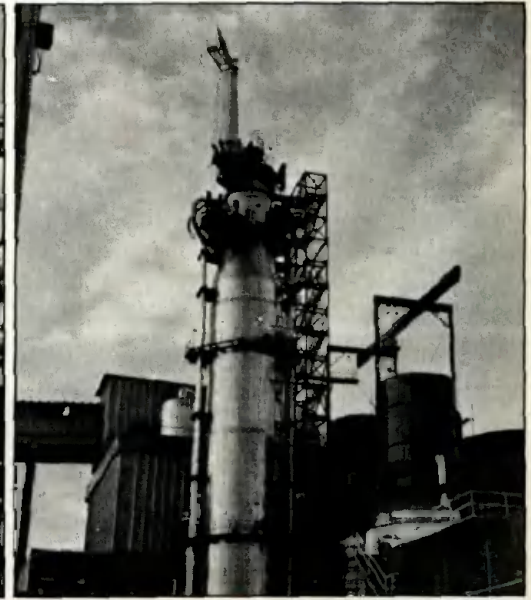
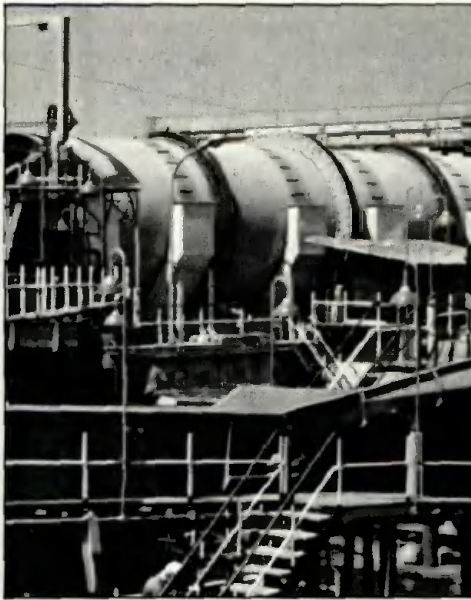
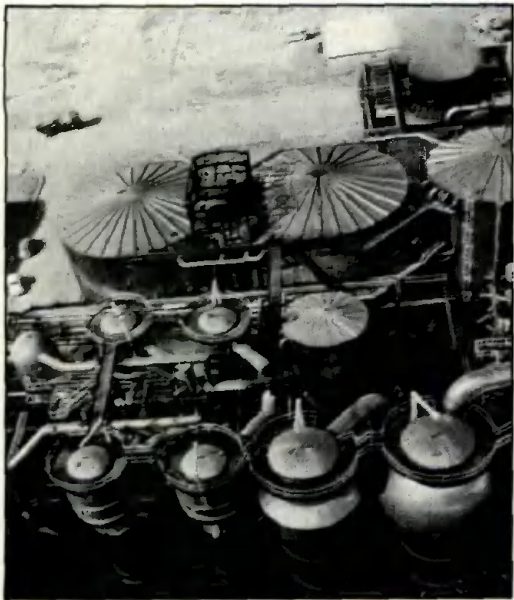
*Luiz Gonzaga Murat Júnior é coordenador do GT-7 (Reflorestamento e Correlatos).

12 anos bem brasileiros

Há 12 anos a Jaakko Pöyry Engenharia Ltda. participa do projeto de desenvolvimento brasileiro com tecnologia nacional e própria.

Estamos orgulhosos porque participamos de todos os projetos relevantes do setor, que experimentou, neste período, um forte incremento, atingindo o 11.º posto em celulose e o 8.º em papel, no *ranking* dos produtos mundiais. Também colaboramos no sucesso representado pela geração de mais de 1 bilhão de dólares em divisas nos dois últimos anos e nos aparelhamos, expandindo nossas atividades, para contribuir para o novo surto de progresso para o qual o setor se prepara.

Afinal, a tecnologia que desenvolvemos no Brasil através de um contínuo e extenso programa de treinamento de engenheiros e técnicos brasileiros, está hoje à disposição de nossos clientes e é requisitada e respeitada no exterior, pois não são poucos os projetos de que participamos nos Estados Unidos, Colômbia, Chile, Perú, México, Angola, Congo, África do Sul e outros mercados.



JAAKKO PÖYRY ENGENHARIA LTDA

INVESTIMENTOS PODEM ALCANÇAR US\$ 2,9 BI

Apoiado na sua alta densidade tecnológica e viabilidade econômica, o setor de papel e celulose procura antecipar-se às exigências do mercado. Dezoito empresas em seis Estados já programam grandes investimentos para os próximos anos.

A indústria de papel e celulose reencontrou, com o Plano de Estabilização Econômica, o seu caminho natural e prepara-se para iniciar nova fase de investimentos considerados indispensáveis para manter um ritmo de crescimento compatível com sua evolução recente e com as necessidades do País, afastando a ameaça de insuficiência desses produtos na oferta prevista para o final da década. Segundo Horácio Cherkassky, presidente da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, apoiado em sua alta densidade tecnológica e viabilidade econômica, o setor torna efetiva, à medida que procura antecipar-se às exigências do mercado, sua contribuição ao processo de busca de um novo patamar de desenvolvimento da indústria nacional.

Na esteira da estabilidade monetária, criada pelo programa do Governo, as empresas começam a desenvolver projetos de expansão, confiantes numa nova realidade de mercado. Levantamento da ANFPC mostra que 18 empresas em seis Estados têm projetos e intenção de investimentos para os próximos anos, envolvendo recursos da ordem de US\$ 2,9 bilhões. Uma vez concretizados, elas proporcionarão, até 1990, aumento de 60% na capacidade de produção de celulose e de 20% na de papel. Em projetos de proteção ambiental, setor em que já foram investidos US\$ 320 milhões, prevê-se a aplicação de mais de US\$ 110 milhões até o final da década. Neste caso, os números referem-se apenas à indústria de celulose.

Trata-se, além de uma imposição de mercado, de atender a uma vocação natural de crescimento: em dez anos, a produção nacional de papel e celulose foi mais do que duplicada, suas exportações ganharam importância econômica e a indústria consolidou uma tecnologia própria, assumindo dimensões universais — é a décima primeira do mundo no segmento de

papel e a oitava no de celulose. Em 1985, o setor faturou, em conjunto, Cz\$ 14,4 bilhões; contribuindo com Cz\$ 2,7 bilhões em impostos; e pagou Cz\$ 1,7 bilhão em salários em valores correntes. O contingente de mão-de-obra empregado nas 162 empresas do setor, em março deste ano, era de 76.627 pessoas, só na área industrial. Estima-se em torno de 100 mil os empregados no setor agro-silvicultural.

Esses números dão idéia do grande potencial do mercado, num setor que tem relação íntima com o progresso. O desenvolvimento econômico, social e cultural de um país não se faz sem papel e celulose “diz Osmar Zogbi — superintendente do Conglomerado Ripasa e presidente da APFPC. Este é um setor prioritário da economia. Necessitamos de papel para livros e cadernos, para acompanhar o crescimento da indústria de informática, para embalagens”.

Do ponto de vista econômico, todos os aspectos são favoráveis ao novo arranque. No mercado externo, como observa Boris Tabacof, diretor da Cia. Suzano de Papel e Celulose e vice-presidente da ANFPC, o setor tem posição definitiva: “Há muito deixamos de ser um exportador eventual. Temos uma posição consolidada, reconhecida pelos próprios países industrializados e que tende a fortalecer-se cada vez mais.”

Tal opinião coincide com a de Ricardo Figueiredo, diretor-presidente da Cenibra, para quem “o conjunto celulose e papel representa, hoje, um dos mais importantes itens de nossa pauta de exportações gerando cerca de US\$ 530 milhões em divisas em 1985”.

De fato, a posição brasileira no mercado internacional evoluiu de modo significativo. Até meados da década passada, as exportações podiam ser consideradas pouco mais que residuais. Só a partir de 1980 ganharam maior expressão, com as empresas voltando-se de forma mais efetiva pa-

desenvolvimento econômico, social e cultural de um país não se faz sem papel e celulose. O setor tem uma íntima relação com o progresso.



ra o mercado externo. Os dados são mais do que ilustrativos: entre 1975 e 1985, as vendas externas de celulose cresceram 500%. A evolução, no período, foi de mais 4 mil por cento. A balança comercial do setor, considerados os dois últimos anos em conjunto, registrou um superávit de US\$ 1,05 bilhão.

O ritmo de crescimento nas exportações foi refreado no ano passado, num contexto que serviu para pôr à prova a capacidade da indústria de superar dificuldades. Aldo Sani, diretor-superintendente da Rio-cell, observa que "a indústria brasileira de celulose deu mostras de sua capacidade técnica, administrativa e de comercialização ao atravessar o ano de 1985 enfrentan-

do condições adversas nos dois mercados: no interno o preço ditado ficou entre 69% e 92% do preço de venda FOB no exterior; no mercado internacional as cotações atingiram o menor valor em dólar constante dos últimos 30 anos, situando-se em US\$ 320 por tonelada.

Esse quadro, que ressalta a questão dos preços, colocada na origem de todas as preocupações do empresariado no setor, não impediu que a indústria de papel e celulose mostrasse sua vitalidade: a produção de papel cresceu 8,3% e a de celulose manteve-se praticamente estável, com uma expansão de 1,4%.

Na análise das condições favoráveis à deflagração de um novo surto de cresci-

mento, os empresários têm, em relação ao mercado interno, uma posição bastante clara: o que se quer é criar condições para atender a uma demanda em crescimento, sustentada em bases sólidas. É uma proposta que pressupõe a manutenção do crescimento econômico e, na colocação de Horácio Cherkassky, "o estabelecimento de uma política industrial clara, duradoura e compatível com a nova realidade brasileira. E não se deve esquecer que os preços a serem praticados para o setor precisam necessariamente estar em um nível que viabilize os altos investimentos e os custos de produção do setor".

Uma política deste tipo seria pelo menos coerente com o esforço que tem sido ►

setor de papel e celulose quer ver claramente definida uma proposta real de desenvolvimento e que assuma, de forma inequívoca, um compromisso com o futuro.



Cherkassky, presidente da ANFPC: novo patamar de desenvolvimento.

realizado pelo setor privado com o objetivo de capacitar-se para atender as necessidades do País. Na esteira deste esforço, produção e consumo têm crescido de maneira descontínua, deixando a certeza de que o espaço a ser preenchido é ainda muito amplo.

De acordo com Raul Calfat, diretor-comercial das Indústrias de Papel Simão, o consumo doméstico de papel de imprimir e de escrever elevou-se 18% em 1985, comparado ao ano anterior. Segundo ele, no primeiro quadrimestre de 1986 houve um incremento de 12,5% em relação a idêntico período do ano passado. Para o ano inteiro a projeção é de um crescimento da demanda interna de 15%. Isto se deve, na opi-

nião de Alberto Fabiano Pires, diretor-financeiro e de relações com mercado das Indústrias de Papel Simão, a três fatores: setor educacional (cadernos e livros); segmento de formulários contínuos; e papéis para copiadoras. Fabiano Pires ressalta que os investimentos destinados pelo Governo para a área de educação (13% do orçamento da União) reverterão num grande aumento de consumo.

Ágil, maduro e eficiente

Embora nominalmente expressiva, esta expansão do consumo perde importância quando se observam valores absolutos: o Brasil tem um dos menores índices de consumo *per capita* do mundo, apenas 26,8 kg por habitante, medido em 1985. Desnecessário comparar com os 287 kg/hab dos Estados Unidos, os 126 kg/hab da França, os 49,8 kg/hab de Portugal ou os 34 kg/hab da União Soviética - dados de 1984, publicados pela *Pulp & Paper International*. Medida mais ilustrativa do baixo nível de consumo do País é obtida na comparação do consumo atual do Brasil com o registrado por Hugo Schlesinger, na *Enciclopédia da Indústria Brasileira*, para os Estados Unidos, em 1951: 166 kg *per capita*.

Mais do que a simples reivindicação de medidas destinadas a garantir seu crescimento, o setor de papel e celulose, diz Horácio Cherkassky, que ver claramente definida uma proposta real de desenvolvimento e que se assuma de forma inequívoca um compromisso com o futuro.

EVOLUÇÃO DO MERCADO DE PAPEL

Ano	Produção	Importação		Exportação		Consumo aparente	População 1000 hab.	Consumo <i>per capita</i>
		t	1.000 US\$ FOB	t	1.000 US\$ FOB			
1975	1.688.323	203.289	115.911	13.366	9.382	1.878.246	105.377	17,8
1976	2.045.969	261.048	141.145	32.166	16.463	2.274.851	108.013	21,1
1977	2.234.625	280.570	138.434	42.249	22.270	2.472.946	110.714	22,3
1978	2.534.407	265.900	131.326	103.602	53.345	2.696.705	113.481	23,8
1979	2.979.247	330.956	186.124	141.354	92.477	3.168.849	116.227	27,3
1980	3.361.697	257.756	164.718	190.649	155.546	3.428.804	119.227	28,8
1981	3.102.614	234.926	155.936	329.350	219.629	3.008.190	122.208	24,6
1982	3.328.566	253.333	147.162	255.093	164.251	3.326.806	125.263	26,6
1983	3.416.758	207.442	112.963	440.605	208.434	3.183.595	129.660	24,5
1984	3.742.302	180.971	103.724	702.639	345.559	3.220.634	132.580	24,2
1985	4.054.000	121.000	89.372	544.000	262.786	3.631.000	135.485	26,8

Fontes: Cacex e Apec

EVOLUÇÃO DO MERCADO DE CELULOSE

Ano	Produção	Importação		Exportação		Consumo aparente
		t	1.000 US\$ FOB	t	1.000 US\$ FOB	
1975	1.189.608	115.353	42.501	153.392	30.572	1.151.569
1976	1.253.784	68.209	26.507	140.644	26.663	1.181.349
1977	1.502.270	68.319	25.624	94.631	19.487	1.475.958
1978	1.813.994	70.980	25.701	267.929	57.484	1.617.045
1979	2.447.751	76.643	37.487	582.540	181.309	1.941.854
1980	2.872.696	67.813	39.943	890.745	364.324	2.049.764
1981	2.795.790	21.232	12.949	952.923	365.833	1.864.099
1982	2.894.770	18.160	9.853	877.999	294.371	2.034.931
1983	3.057.773	13.551	7.061	988.494	311.212	2.082.830
1984	3.364.385	27.734	11.864	982.004	398.377	2.410.115
1985	3.411.195	35.000	14.689	925.287	278.942	2.521.098

Fontes: Cacex e Apec

Todas as capacidades produtivas do setor estão trabalhando no limite ou até superando as suas capacidades nominais. A oferta não será maior, mas a demanda cresce com o desenvolvimento.

Essa visão do futuro tem sido uma das maiores preocupações dos empresários do setor de papel e celulose. Não é outra a motivação do grande esforço de desenvolvimento tecnológico realizado no País ao longo de praticamente toda a história da indústria. Esforço que permitiu desenvolver tecnologia própria de fabricação de celulose e papel — uma vantagem com que poucos setores podem contar e que, para o País, representa antes de tudo fator de soberania.

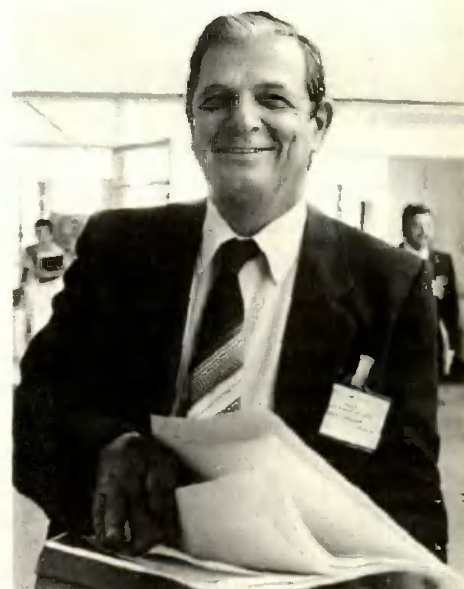
Numa outra perspectiva, um programa de investimentos do porte do que se está em vias de iniciar é também um multiplicador de oportunidades de crescimento, na medida em que se traduz em encomendas à indústria nacional de bens de capital. O Brasil é hoje, lembra Boris Tabacof, virtualmente independente na produção de

equipamentos para o setor de papel e celulose, suprimindo mais de 90% das necessidades do parque industrial.

De todo o modo, a indústria que se prepara para investir quase US\$ 3 bilhões na ampliação de sua capacidade produtiva, confiando na nova realidade trazida por um programa de Governo que literalmente mudou a face do País, é uma indústria muito mais madura e mais forte do que há 3 ou 4 anos. “Do ponto de vista gerencial — afirma Boris Tabacof — as empresas tiveram de encontrar, forçadas pela recessão econômica, mecanismos de racionalização de suas atividades que as tornaram mais eficientes.” Seja qual for o ângulo pelo qual se analise essa questão, o setor aprendeu e saiu fortalecido com a crise econômica.

Hoje, o que caracteriza de forma mais evidente a situação do setor do ponto de vista operacional, é a plena utilização de sua capacidade produtiva. “Todas as capacidades produtivas do setor de celulose estão trabalhando no limite ou até superando suas capacidades nominais” — diz Aldo Saní — “significando que a oferta não será maior, enquanto a demanda interna tenderá a crescer com o próprio crescimento da economia”.

A preocupação maior reside na questão da insuficiência da base florestal, drasticamente afetada pela falta de apoio a programas de reflorestamento. Há, é certo, um novo esforço das empresas num sentido de promover investimentos florestais, a fim de proporcionar maior disponibilidade de matéria-prima. Além disso, segundo Boris Tabacof, inicia-se um processo de aproveitamento de maciços florestais até agora intocados. Mas, se não houver uma decisão do Governo de criar condições para

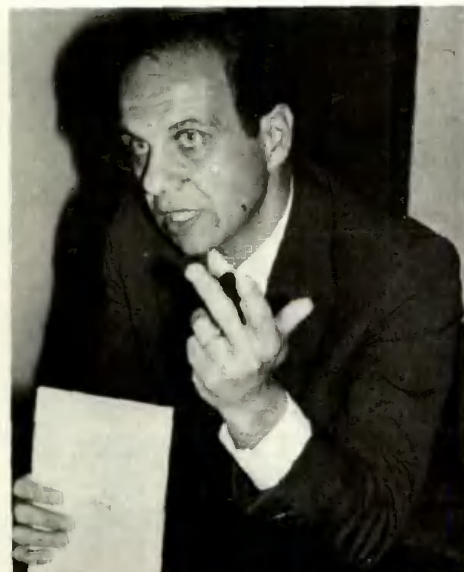


Boris Tabacof, da Suzano: uma posição internacional consolidada.

que esses projetos sejam viabilizados rapidamente, poderão ocorrer dificuldades de suprimento de matéria-prima, a médio prazo.

De onde virão os recursos

Antônio Cláudio Salce, diretor da Cia. De Zorzi de Papéis também levanta a necessidade de revisão da política de incentivos fiscais para reflorestamento, “de forma a canalizá-los especificamente para áreas de consumo de eucaliptos, criando, assim, a garantia do suporte florestal, não só para o crescimento do setor, como para assegurar o abastecimento aos níveis atuais de consumo, seriamente comprometido, em vista da corrida generalizada pela madeira como alternativa energética”. ▶



Osmar Zogbi, da Ripasa: um segmento prioritário da economia.

Se as condições de mercado são evidentemente favoráveis e a capacitação tecnológica indiscutível, a indústria de papel e celulose tem, no que classifica de lenta mobilização de capital, um gargalo difícil de vencer. E que conduz a um inevitável questionamento do congelamento de preços, base do Plano de Estabilização Econômica, e que teve, desde o início, o apoio dos empresários do setor.

Se não houvesse controle de preço e o mercado fosse regulado pelo jogo da oferta e da procura, qual deveria ser o preço da celulose, hoje, no mercado interno? Segundo Aldo Sani, para garantir a rentabilidade das empresas; a celulose deveria ser colocada no mercado a US\$ 370 ou US\$ 380 por tonelada — ou seja, deveria ser de 54%

a 58% mais cara do que é atualmente (US\$ 240/tonelada).

O setor de papel e celulose não pretende inviabilizar o Plano de Estabilização Econômica, nem gerar focos inflacionários, garante Horácio Cherkassky. Reivindicam-se apenas condições objetivas para realizar os investimentos imprescindíveis à preservação dos espaços conquistados. E só a decisão de promover o desenvolvimento, apoiando-se numa política industrial consistente com os interesses nacionais, pode conduzir a isso. Cherkassky considera essencial a participação dos empresários nos estudos que se tem feito com o objetivo de definir uma política industrial.

Até que se promova uma reestruturação do sistema financeiro que permita aos ban-

No momento em que se tiver garantia de suprimento de celulose, novos projetos destinados a aumentar a produção de papel deverão ser executados.

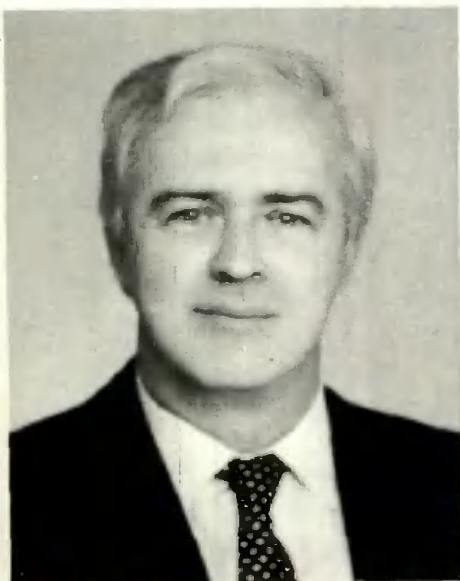
INTENÇÕES DE INVESTIMENTOS DO SETOR CELULÓSICO-PAPELEIRO

Empresa	1.000 t/ano			Start-up	Investimento Milhões US\$
	Papel	Celulose	Pasta Mecânica		
01. Suzano	—	342	—	1990	500
02. Suzano	—	68	—	1987	55
03. Suzano	65	—	—	1987	40
04. IKCP	167	445	21	—	524
Riocell	—	300	—	1990	246
Klabin PR	150	129	21	1986/89	163
Catarinense	17	16	—	1988	115
05. Rigesa	16	70	—	1986	64
06. Rigesa	49	145	—	1993	56
07. Irani	32	17	17	1987	10
08. Simão/CVRD	140	—	—	1989	130
09. Ripasa	100	—	—	1989	80
10. Ripasa	—	51	—	1988	50
11. Ripasa II/Limeira	60	—	—	1990	30
12. Manikraft	13	—	—	1987	7
13. Tedesco	19	20	—	1987	2
14. Melhoramentos	55	—	—	1991	50
15. Braspap	10	—	—	1988	—
16. Miguel Forte	24	—	—	1986	5
17. Paraibuna	26	7	—	1989	40
18. Irm. Fernandes	16	—	—	1987	3
19. Cocelpa	52	55	—	1986	200
20. Aracruz	—	465	—	1989	600
21. Cenibra	—	350	—	1990	400
22. Riocell	—	300	—	1990	246
23. Simão	—	75	—	1988	60
TOTAL	844	2.110	38		2.906

setor não pretende inviabilizar o Plano de Estabilização Econômica, nem gerar focos inflacionários. Reivindica apenas condições de realizar os investimentos que são imprescindíveis.

cos privados realizar financiamentos de longo prazo, o empresariado brasileiro tem no BNDES sua única fonte real de recursos. E, a se concretizarem as intenções manifestadas por funcionários do banco, a indústria de papel e celulose pode ficar tranquila: a disponibilidade de recursos do BNDES para investimentos no setor é de US\$ 2,5 bilhões, nos próximos cinco anos, o que corresponde a US\$ 500 milhões por ano. Ao dar essa informação, Aldo Sani acrescenta que, mantida uma participação igualitária (50% de recursos próprios, 50% de recursos oficiais), o setor realizará seu programa de investimentos.

De todo modo, novos investimentos estão sendo programados. A maior parte do setor de celulose. Os projetos para aumento da capacidade instalada de produção de papel são comparativamente inferiores, tendo em vista um dado básico: não há garantia de suprimento de celulose.



Ricardo Figueiredo, da Cenibra: US\$ 530 milhões de divisas são gerados.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA E MONTANTE DOS INVESTIMENTOS

ESTADO	VALOR EM US\$ MILHÕES	%
São Paulo	872	30,00
Espírito Santo	600	20,64
Minas Gerais	440	15,14
Santa Catarina	377	12,97
Paraná	371	12,76
Rio Grande do Sul	246	8,46
Total	2.906	

No momento em que se tiver essa garantia, novos projetos deverão ser executados. O que significa, completa Boris Tabacof, que as projeções de recursos necessários à capacitação do setor ultrapassam em muito os US\$ 2,9 bilhões conhecidos. O investimento necessário à produção de uma tonelada diária de papel é calculado em US\$ 200 mil.

Os investimentos (em projeto ou situações ainda como intenção) estão distribuídos em São Paulo (30%), Espírito Santo (20,6%), Minas Gerais (15,1%), Santa Catarina (12,9%), Paraná (12,7%) e Rio Grande do Sul (8,4%). Em projetos de proteção ambiental, a indústria de celulose já investiu US\$ 320 milhões, em valores históricos, e prepara-se para aplicar mais US\$ 110 milhões nos próximos quatro anos.

Antônio Claudio Salce, sem tirar os méritos do "Plano Cruzado", considera que as taxas de juros vigentes no mercado e as taxas de lucratividade que foram impostas ao setor celulósico-papeleiro, pedem das autoridades a adoção de uma política creditícia compatível com a vocação de crescimento do setor.

O preço da celulose no mercado interno está contido nos limites dos US\$ 240 por tonelada, exatamente metade do vigente no mercado internacional, insuficiente para garantir adequada rentabilidade às empresas. Num setor, cuja principal característica é ser de capital intensivo, a contenção de preços representa um desestímulo ao investimento. "Para cada tonelada diária que o empresário pretenda acrescentar à capacidade de produção de sua fábrica, ele precisa investir US\$ 700 mil" - calcula Aldo Sani.

No 1º Enpapel foram discutidas várias hipóteses de desenvolvimento do setor, entre as quais o chamado **modelo exportador**, que envolve a manutenção da posição relativa já alcançada pelo País no mercado internacional e o atendimento das necessidades internas. Isso exigiria mais do que a duplicação da capacidade produti-



Aldo Sani, da Riocell: capacidade técnica, administrativa e de comércio.

va das empresas, elevando-a das atuais 3,4 milhões, para 7,8 milhões de t, em 1995.

Há três fontes possíveis de recursos para financiar esses investimentos: 1) a indústria, a partir de uma política de preços adequada; 2) o mercado acionário, no qual o setor é um dos mais ativos e vem realmente aproveitando o seu potencial como instrumento de capitalização das empresas; 3) o Governo via BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

A posição óbvia de todos os empresários do setor é de que a indústria quer aumentar sua capacidade produtiva, quer continuar eficiente, mas para isso depende da política de preços que venha a ser praticada ao longo dos próximos anos. E essa política terá de ser equacionada de modo a garantir o desempenho normal do setor, em dois momentos: para gerar recursos destinados a investir; e para remunerar esses investimentos.

Aldo Sani traduz objetivamente essa proposta: "O controle de preços não pode continuar nos moldes atuais. Não se pode engessar a economia e deixá-la assim in-

Arquivo



Raul Calfat, da Simão: papel para escrever e imprimir, crescendo.

definidamente. Temos de caminhar para uma acomodação, para a normalização das relações entre os agentes econômicos, em bases reais”.

Os fatores que explicavam a inflação inercial, na análise do diretor-superintendente da Riocell, já estão sob controle. É hora de fazer os ajustes neces-



Cláudio Salce, da De Zorzi: revisão da política de incentivo florestal.

sários à normalização da vida das empresas. Ele chega até a propor a extensão, às empresas, da solução adotada para os salários. “Assim como foi instituído o **gatilho** para os salários (o reajuste automático a partir de determinado índice de inflação), poderemos ter esse mecanismo também nesse processo de reordenação dos preços relativos” — diz Aldo Sani. ☻

s fatores que explicavam a inflação inercial estão sob controle. É hora de fazer os ajustes necessários à normalização da vida das empresas.

Papel: um mercado em franca expansão

A demanda interna de papel para imprimir e escrever deverá crescer 15% este ano, estima Raul Calfat, diretor-comercial da Indústrias de Papel Simão, considerando principalmente três segmentos: o setor educacional (cadernos e livros), beneficiado pelo aumento na dotação orçamentária para a FAE - Fundação de Assistência ao Estudante, que deverá elevar sua compra de livros didáticos de 33 milhões de exemplares, em 1985, para 52 milhões e por outros efeitos da Lei Calmon; o setor de formulários contínuos, em que a proliferação de computadores na indústria, comércio e serviços compensou com sobras a redução de consumo por parte da área bancária; o setor de papéis para copiadoras, em contínua expansão. Já no primeiro quadrimestre de 1986 a demanda aumentou em 12,5% em relação a idêntico período do ano passado.

O mercado externo apresenta comportamento igualmente favorável, garante

Calfat: “O nível de preços apresentou uma recuperação de aproximadamente 25% em relação a 1985 e as exportações brasileiras deverão crescer das 275 mil toneladas registradas no ano passado para cerca de 320 mil toneladas”. Contribui para isto a desvalorização do dólar em relação às moedas européias, tornando mais competitivo o papel brasileiro no mercado europeu e reduzindo o poder de concorrência dos fornecedores escandinavos. Com uma estrutura de comercialização extremamente diversificada em termos geográficos no Exterior, as empresas brasileiras vêm respondendo com flexibilidade e rapidez às oportunidades comerciais que se apresentam, o que lhes permite manter-se à frente da concorrência em volumes de exportação para os mercados localizados fora da Europa e aumentar progressivamente sua participação no mercado europeu (que deve ascender das 35 mil toneladas de 1985, para 55 mil toneladas).

EMPRESAS VÃO À BOLSA PARA OBTER RECURSOS

Nunca um número tão grande de empresas do setor celulósico-papeleiro foi ao mercado de ações. E os resultados têm sido excelentes, segundo os empresários que decidiram democratizar o capital.



Nas Bolsas de Valores, obtêm-se sócios e não credores. É uma grande vantagem.

Aproveitando o aumento do consumo interno e as novas portas que se abrem no mercado internacional, as indústrias de celulose e papel estão mesmo dispostas a realizar grandes investimentos em planos de expansão. Para concluir a tarefa iniciada, as empresas sabem que vão necessitar de um expressivo aporte de capitais e os administradores admitem que apenas com recursos próprios e créditos bancários fica muito mais difícil acelerar os programas de crescimento

já em fase de execução. Por isso mesmo, decidiram quebrar os laços familiares que geralmente comandam e controlam os negócios, democratizando seu capital. Nunca um número tão grande de indústrias de papel e celulose foi ao mercado de ações captar os recursos de que necessita como atualmente. E os resultados têm sido excelentes.

“Nas bolsas de valores se obtêm sócios e não credores” — afirma Horácio Cherkassky, presidente da ANFPC - Associação



Fabiano Pires, da Simão: "Os números mostram como fomos bem-sucedidos".

ção Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose e diretor-financeiro das Indústrias Klabin de Papel e Celulose S.A., o maior produtor integrado de papel e celulose da América Latina. A Klabin abriu seu capital em 1979 e Cherkassky observa que, "além de se constituir numa fonte por excelência para a captação de recursos não-exigíveis, a bolsa de valores tem a característica de imprimir maior dinamismo à administração das empresas que passam a ter suas atividades acompanhadas de perto pelo mercado".

Uma das provas mais flagrantes desse sucesso aconteceu com uma das maiores e mais tradicionais empresas do setor: a Indústria de Papel Simão S.A. Em meados de junho, ela lançou Cz\$ 290 milhões, emitindo 116 bilhões de ações ao preço de Cz\$ 2,50 o lote de mil ações, aumentando seu capital social de Cz\$ 822,3 milhões para Cz\$ 1,1 bilhão. Entusiasmado com o êxito da operação, Alberto Fabiano Pires, diretor-financeiro e de relações com o mercado da Simão, conta o que ocorreu:

"Havia, de fato, uma expectativa enorme na empresa com relação à abertura de capital. No final, ficamos orgulhosos. O lançamento primário foi inteiramente colocado no primeiro dia de subscrição, sinal evidente do sucesso da operação".

Após a emissão dos títulos, no mercado primário, as ações da Simão passaram a ser negociadas no mercado secundário, ou seja, no pregão das bolsas de valores. Logo na primeira semana de negociações, no final de junho, os papéis da empresa estiveram entre os mais negociados, superando, inclusive, algumas das *black-chips* do

mercado. No primeiro dia foram efetuados 536 negócios, envolvendo 3,5 bilhões de ações, no valor de Cz\$ 22,8 milhões, na bolsa paulista: "Esses números mostram como fomos bem-sucedidos" — comenta Fabiano Pires.

Mas, por que só depois de tantos anos a Papel Simão S.A. decidiu abrir seu capital? Fabiano Pires não hesita para responder: "Já existe uma conscientização geral de que não há grupo familiar que possa, isoladamente, alavancar o crescimento de empresas industriais de setores básicos, de capital intensivo, como o de celulose e papel".

História da Simão: modelo

No passado, o tamanho mínimo econômico para expansão era bem mais modesto, de forma que as famílias controladoras das empresas conseguiam investir utilizando em grande parte os seus próprios recursos. Atualmente as coisas mudaram e a construção de uma nova unidade industrial absorve cifras elevadas, da ordem de US\$ 300 milhões a US\$ 400 milhões. Fabiano Pires faz questão de salientar que a entrada da Simão no mercado de ações não foi uma questão de oportunidade, aproveitando a febre das bolsas de valores, "mas, sim, uma demonstração de maturidade".

Com uma produção de 270 mil toneladas/ano de papel de imprimir e escrever e de 170 mil toneladas/ano de celulose, a Simão exibiu em 31 de dezembro de 1985 um patrimônio líquido de Cz\$ 1,3 bilhão. Com os Cz\$ 290 milhões captados no mercado de capitais, Fabiano Pires explica que a Simão pretende utilizar 36% dos recursos na otimização da empresa — isto é, na redução de custos operacionais, aumento de produtividade e algumas adaptações necessárias — e os 64% restantes no reforço de capital de giro.

A história das Indústrias de Papel Simão S.A., talvez sirva como bom exemplo para justificar a ida das empresas ao mercado de ações e os resultados positivos que têm sido alcançados. Afinal, os investidores sabem que, mesmo com o congelamento de preços, o setor de papel e celulose está investindo para crescer mais, garantindo o retorno do dinheiro aplicado.

Outro exemplo extremamente significativo é o da Ripasa S.A. Celulose e Papel, que efetuou a abertura de seu capital em fevereiro de 1985, ingressando com suas ações em pregão das bolsas de valores em 23 de abril daquele mesmo ano.

Além de constituir uma fonte por excelência para captação de recursos não-exigíveis, as bolsas imprimem às empresas maior dinamismo administrativo.

A primeira emissão, de 15 milhões de ações, ao preço de Cr\$ 2,00 por ação, apresentou uma cotação inicial de Cr\$ 1,60 que evoluiu para Cr\$ 11,00 por ação em 31 de dezembro. Portanto, um bom crescimento, bem acima de cinco vezes, em dez meses.

Mauro Marques, diretor-financeiro da Ripasa, disse que, de acordo com o Relatório Anual de 1985 da Comissão Nacional das Bolsas de Valores, o mercado contou com o total de empresas registradas e abertas de 614.

Ao final do ano, a Ripasa já ocupava a trigésima primeira posição dentre as 50 ações mais ativas no mercado nacional, passando a fazer parte daquele grupo que forma os índices das bolsas de valores do País.



Mauro Marques, da Ripasa: crescimento bem acima de cinco vezes em 10 meses.

Em maio de 1986, a Ripasa voltou ao mercado com uma emissão também de 15 milhões de ações, captando Cz\$ 240 milhões que serão investidos em seus programas de expansão.

Adhemar Magon, diretor da Companhia Suzano de Papel e Celulose, companhia que abriu o capital em 1980, afirma que a empresa se convenceu de que só poderia continuar crescendo se captasse recursos no mercado de ações, pois os recursos próprios eram insuficientes para financiar os projetos que a Suzano queria desenvolver.

Fernando Araújo, diretor-financeiro da Aracruz Celulose S.A., considera o mercado de ações como uma das melhores fontes de recursos existentes. Com um capital social de Cz\$ 3 milhões e um patrimônio líquido de Cz\$ 579 milhões, a Aracruz decidiu realizar um programa de expansão que prevê investimentos de US\$ 650 milhões para construir uma nova unidade industrial. "Levantar recursos no mercado acionário é o processo menos

oneroso que uma empresa dispõe para poder capitalizar-se" — sustenta Ernane Muniz Tavares, diretor-financeiro da Celulose Irani S.A. Na sua opinião, há, ainda, um outro grande parâmetro que não deve ser esquecido: trata-se do fator promocional. "É evidente — diz Muniz Tavares — que é extremamente significativo para uma organização ter seus papéis lançados no mercado de capitais e absorvidos com rapidez e confiança. Na atual conjuntura, o setor apresenta perspectivas de molde a que suas empresas mereçam as simpatias dos investidores."

Trombini mostra o perfil a analistas

A direção do Grupo Industrial Trombini reuniu, em Curitiba, 40 analistas de mercado de capitais para apresentação global do perfil de suas 12 empresas — instaladas no Estado de São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Bahia —, com vistas à abertura de capital da Trombini S.A. - Administração e Participação, holding do grupo.

Renato Trombini, presidente da Trombini S.A., afirma que "a abertura de capital objetiva o desenvolvimento futuro de novos programas de investimentos, nos



Adhemar Magon, da Suzano: captar na bolsa para continuar crescendo.

segmentos atuais de atuação do grupo, bem como na abertura de novos negócios". O grupo vai emitir 50 bilhões de ações, ao preço de Cz\$ 2 por lotes de mil ações, através de um pool formado por 74 instituições financeiras do País, coordenadas pelos bancos Crefisul, Multiplac, Sudameris e Bradesco e pelas corretoras Primus e Factor.

Quem investe, acerta em cheio...

Os analistas de mercado não têm dúvidas: em épocas de mudanças na economia, acerta em cheio quem investe em ações de empresas exportadoras. As chances de se obter garantia nesse tipo de aplicação são ainda maiores quando, além de exportadoras, as empresas pertencem a um setor que está crescendo em ritmo acelerado. Nesse caso, os balanços só podem exibir bons resultados, com boa feição financeira e adequados dividendos.

É o que acontece, no momento, com as indústrias de papel e celulose. Os técnicos do mercado de ações consideram os papéis dessas empresas como uma excelente opção de investimento, em razão da fase de prosperidade que as empresas estão atravessando. Na opinião deles, a safra de balanços relativa ao primeiro semestre deste ano, que está sendo divulgada, revela que as empresas de papel e celulose estão correspondendo às expectativas dos investidores, proporcionando uma boa rentabilidade.

Um exemplo concreto dessa certeza, segundo analistas, foi o sucesso das recentes emissões de papéis. Primeiro, a Ri-

pasa, que fez uma nova chamada de capital, no valor de Cz\$ 240 milhões, conseguindo colocar no mercado todos os títulos. Depois, veio a Indústria de Papel Simão, que no primeiro dia de distribuição, já tinha toda a subscrição das ações garantidas.

Nos primeiros cinco meses deste ano, o consumo interno cresceu 10% e há previsão de demanda real ainda maior. É exatamente com base nesses números que as empresas retomaram seus investimentos. Além da Klabin, Suzano, Aracruz, Ripasa, Simão, a Trombini se prepara para ir ao mercado e a Companhia Dezorzi de Papéis estuda a abertura de capital.

Os investimentos para aumentar a produção do setor têm um prazo de maturação relativamente grande. Porém, a indústria brasileira leva vantagem em relação aos produtos europeus. Isso porque o clima tropical permite o corte de eucalipto após sete anos, enquanto em países de clima frio, onde preponderam as plantações de pinus, as árvores levam mais de 20 anos para produzir.

COM O ESTÍMULO DO CRUZADO CARTÕES EM NOVO RITMO

Com a expansão da economia, o mercado de embalagens cresce e fabricantes e gráficos podem olhar com confiança o futuro, aproveitando a estabilidade trazida pelo Plano Cruzado. Agora, tudo depende de trabalho e planejamento.



Adhemur Pilar: com o aprimoramento técnico, embalagens mais modernas.

O mercado de embalagens tem uma relação direta com o crescimento da economia.

Depois das marchas e contramarchas nos entendimentos para encontrar um deflator que não estagnasse os negócios, o segmento de cartões para embalagem adquiriu um novo ritmo. A livre negociação foi um processo demorado, mas o bom senso e a postura profissional dos setores envolvidos, mais uma vez prevaleceram. Agora, os fabricantes e gráficos já podem olhar com confiança para o futuro, aproveitando a estabilidade trazida pelo Plano Cruzado.

O mercado de embalagens tem uma relação direta com o crescimento da economia: a expansão econômica gera empregos e cria demanda por mercadorias, cuja circulação consome embalagem. Por isso, fabricantes e convertedores, peças fundamentais no processo e que sempre trabalharam harmoniosamente, não poderiam, nesta hora de aquecimento da demanda, onde todos os setores da economia estão sendo solicitados, faltar com o seu apoio. Isto não significa, entretanto, que a era

pós-cruzeiro tenha sido um passeio de barco num perfeito mar de rosas.

Logo após o pacote econômico, o segmento passou por um período em que o planejamento passou a inexistir, os negócios eram realizados caso a caso, tendo de enfrentar uma longa etapa na busca de um entendimento com os clientes.

Hoje, diz Walter Zarzur Derani, diretor-comercial para o Mercado Interno da Ripasa, todos têm condições novamente de poder planejar: acabou o período de turbulência no mercado de cartões para embalagens. Fabricantes e gráficos, em reuniões constantes para equacionarem as divergências, chegam após três meses ao sucesso nas negociações. "O horizonte está definido" — diz o diretor da Ripasa. "Pode-se projetar o crescimento: agora só depende de trabalho, planejamento e seguir sem receio o caminho escolhido."

Acompanhando a evolução

Os cartões para embalagem são vendidos sob várias denominações comerciais, porém, basicamente podem ser classificados em cartão branco, fabricado com 100% de celulose branqueada: o duplex, branco de um lado, e fosco na outra face; o suporte, elaborado com material mais barato: pasta mecânica; reciclados (aparas) e celulose não-branqueada; o triplex é o duplex com camada branca nas duas faces, entremeadas por outro material fibroso no miolo. As gramaturas comercializadas vão de 200 a 500 g/m², geralmente com variações de 50 em 50 gramas.

Para obter um retrato o mais fiel possível do desempenho do setor, os fabricantes decidiram tomar como base a mensuração do volume expedido pelas fábricas, que reflete melhor o consumo em determinado momento. Em 1982, passou-se a fazer o controle da expedição mensal de



A expansão econômica gera empregos e cria demanda por mercadorias.

cartões para embalagem separadamente dos produtos destinados a outras finalidades. Os números obtidos desde então estão alinhados no **Quadro 1**. São dados fornecidos por Adhemur Pilar Filho, coordenador do segmento de embalagem junto à Cicepla - Confederação da Indústria de Celulose e Papel Latino-Americana; presidente da Anave - Associação Nacional dos Homens de Vendas de Papel e Celulose e Derivados; atualmente membro da diretoria da APFPC - Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose, que conta, a seguir, como foi a evolução do segmento no Brasil.

Um pouco de história

“O Brasil teve muitos anos de fornecimento de cartões pela antiga Ribeiro Parado, Simão, Felfer e outros fabricantes que mudaram suas linhas de produção ou desativaram máquinas” — diz Adhemur Pilar. “Foi um longo período de duplex feito a base de celulose importada e pasta mecânica até o grande *boom* do sistema gráfico, na década de 60, com a formação do Geipag, que promoveu e conseguiu do governo a liberação de importação de máquinas gráficas. Com a introdução dessas máquinas *offset* mais modernas e com aprimoramentos técnicos exigindo maior uniformidade e qualidade na superfície de impressão, os fabricantes de cartão acompanharam esta exigência, aperfeiçoando seus equipamentos e introduzindo o revestimento superficial”

O emprego de técnicas de *marketing* pelos clientes criou a demanda por embalagens

promocionais e mais sofisticadas, em que o aspecto visual é de grande importância na apresentação no ponto de venda e na compra feita pelo consumidor — prossegue Adhemur Pilar, ressaltando que “a década de 70 é de expansão e de consumo, continuando os fabricantes a investirem em novas máquinas, melhorando suas técnicas e passando a utilizar mais celulose fibra curta de eucalipto em substituição à importada”.

Foi nessa época, em decorrência da inversão da procura pela oferta que Adhemur Pilar Filho, dirigente da Papyrus, vendo a ociosidade das máquinas que já se manifestava, aproveitou os incentivos fiscais à exportação para buscar novos mercados consumidores, num trabalho pioneiro, começado no Chile, em 1973.

A Suzano, que iniciou a produção de cartões no bairro do Ipiranga, na Indústria de Papel Leon Felfer, tornou-se o maior fabricante de cartões para embalagem, após instalar sua máquina B-6, em Suzano, em 1974. Na ocasião não havia mercado para consumir a quantidade produzida por essa máquina que dobrou a oferta de cartões.

Segundo o gerente-comercial da Suzano, Carlos Pontinha Pereira, esse produto teve aceitação, por ser de qualidade diferente da então existente, pois era feito de celulose de eucalipto e o revestimento era bem superior. “Foi executado um bom trabalho de *marketing* no lançamento do cartão “Super-6”, por agências de propaganda, em revistas e outros órgãos de informação, além do trabalho informativo junto aos gráficos, consumidores e, principalmente, fabricantes de detergentes”.

Sem tempo de máquina

Hoje, na Suzano, o clima oscila entre o otimismo e a euforia. Carlos Pontinha Pereira, se desdobra para atender a um mercado aquecido, que está a exigir uma produção maior. Produzir mais é, contudo, uma operação quase impossível para a Suzano: não há mais tempo de máquina. As nove mil toneladas produzidas por mês são vendidas integralmente.

As máquinas não param e, diante do crescimento da demanda, a solução é otimizar a produção, compondo melhor o es-

**QUADRO 1
CARTÕES PARA EMBALAGEM: VENDAS**

(Em toneladas médias mensais)

Ano	Vendas internas	Exportações	Total
1982	233.198	6.166	239.364
1983	212.750	22.034	234.784
1984	224.185	44.617	268.802
1985	257.711	40.464	298.175

setor, como um todo, será obrigado a repensar o seu papel no mercado externo, para não deixar faltar o produto internamente, cooperando com o Governo.

pectro da oferta, enquanto se pensa na ampliação do parque. A empresa não tem nenhuma dúvida quanto ao que pretende com seus projetos de ampliação: a reforma econômica trouxe a estabilidade de preços almejada e permite mais confiança no futuro. O crescimento do mercado interno será, daqui para a frente, consequência da melhoria da situação da classe média, o grande objetivo de *marketing* da embalagem. Mas existe um problema: o cartão para embalagem tem um valor agregado muito baixo e o retorno é insuficiente para novos investimentos.

“Assim mesmo, acredito que o setor como um todo será obrigado a repensar o seu papel no mercado externo, para não deixar faltar o produto internamente, coope-



*Walter Zarzur Derani:
o horizonte agora está definido.*

rando mais uma vez com os objetivos econômicos do Governo” — salienta o gerente-comercial da Suzano, lembrando que o setor papeleiro foi dos primeiros a dar apoio à reforma, não paralisando a produção nem cobrando ágio e aplicando o deflator recomendado pelo Governo.

A Ripasa está entre as duas maiores empresas brasileiras do segmento de cartões para embalagem, com uma participação de mercado ao redor de 30% em 1985. O grupo, constituído em 1958 por três famílias, começou com cartão duplex na unidade de Limeira.

As unidades de cartão cresceram vertiginosamente, deixando para trás as duas toneladas/mês iniciais de cartões para embalagens, que foram o ponto de partida em Limeira, para atingir hoje mais de sete mil toneladas/mês de vendas expedidas. O Grupo Ripasa é um complexo de empre-

sas muito versátil, atendendo concomitantemente uma enorme gama de clientes dos diversos segmentos de mercado, graças à flexibilidade de sua programação e a quantidade de máquinas em operação. O grupo produz, além dos cartões para embalagens, celulose e papel para imprimir e escrever, cartolinas, papéis industriais e coloridos, pasta mecânica para consumo próprio.

Anos 80: oferta supera demanda

Na análise de Walter Zarzur Derani, a partir de 1983 a recessão criou uma capacidade ociosa. Como política, as empresas buscam o mercado externo sob pena de desativar máquinas gerando desemprego, diminuir produção ou ceder à superestocagem onerando os custos e, por consequência, os preços.

Com a nova política, o mercado externo se apresenta além de alternativo, também atrativo, e a Ripasa conquista mercados no Oriente Médio, América Latina e África, adaptando-se e desenvolvendo produtos que se adequassem às exigências desses novos mercados. No mercado interno, desenvolvendo uma tecnologia de fibras curtas, com base no eucalipto, e através de pesquisas das reais necessidades dos usuários, a empresa vem constantemente criando e adequando produtos que passam a ser o equilíbrio entre seu custo e o seu benefício. De qualquer forma, permanecem ainda duas linhas diferentes: o mercado externo, com muita matéria-prima reciclada, e o setor interno, com insumos nobres.

Em dois anos, a Ripasa foi a maior exportadora de cartões do País, tendo expedido 19 mil toneladas em 1984 e 14 mil em 1985. Como de resto é pensamento de todo o setor, a Ripasa, adaptando-se à nova situação, pretende atender às necessidades do mercado interno, mas não se afastará do mercado externo. Em síntese, garante Derani: “Não exportaremos para faltar”.

Após 35 anos de existência e a partir de uma pequena produção em Cordeirópolis, a Papyrus Indústria de Papel S.A. produz hoje 6 mil toneladas mensais de cartões para embalagens, afora 1.500 toneladas de outros produtos industriais, informa Adhemur Pilar Filho, dirigente comercial da empresa. Em outubro deste ano, após alterações técnicas na unidade de Limeira, a Papyrus terá aumentado sua produção, passando para mil toneladas/mês de cartões para embalagens.

Fabricar cartões a base de reciclados e

usar celulose branqueada para o forro dos cartões duplex é critério utilizado na Pápirus há muitos anos. Esta filosofia, adotada pela direção da empresa e desenvolvida persistentemente pelo seu presidente e diretor-técnico Dante Emilio Ramenzoni, permite à Pápirus a utilização de todos os tipos de aparas, surpreendendo muitos técnicos do setor.

Na estatística de expedição de cartões duplex, triplex e brancos para embalagens, a Pápirus, segundo Adhemur, coloca-se em terceiro lugar entre os oito atuais fabricantes desses produtos, sendo que cerca de 1.400 toneladas/mês são transformados em cartuchos e caixas de microondulado, em gráficas próprias.

Além da China, Paquistão, Peru e Austrália, seus principais e contínuos compradores de cartão duplex, a Pápirus exporta para mais 25 países, em volumes menores, como resultado do esforço de vendas ao exterior iniciado em 1973. Hoje, contando com o empenho de seus funcionários e auxiliares, a empresa tem como princípio, bom atendimento a esses mercados, o que lhe permite ser cada vez mais procurada, tanto pelos seus produtos como pelo atendimento dispensado.

No mercado doméstico, mais exigente devido ao uso de maior porcentagem de celulose, visto que alguns concorrentes ainda se encontram em processo de mudança de fibras no suporte dos seus cartões duplex, a Pápirus desenvolveu técnica e produto similares aos desses fabricantes mais sofisticados e com isto vem fornecendo aos seus clientes habituais as quantidades desejadas.

A Madeireira Miguel Forte S.A., que hoje produz 2.500 toneladas de cartões de embalagem por mês, é uma empresa nitidamente familiar que, por duas vezes, teve de partir do zero. Sua história, marcada por um incêndio e uma inundação, começou no dia 1º de fevereiro de 1923, quando Miguel Forte, que tinha uma fábrica de móveis, resolveu procurar a auto-suficiência em madeira. Os negócios com madeira cresceram tanto que, há 14 anos, seus sucessores, dispondo de matéria-prima essencial em abundância, resolveram aproveitar novas oportunidades de mercado ingressando no setor de papel, principalmente por insistência de Domingos Forte, hoje presidente da empresa. Houve muita resistência dos outros porque, dez anos antes, a Miguel Forte começara a fabricar pasta mecânica, mercado que abandonou por considerá-lo "indecoroso", passando a produzir apenas para consumo próprio.

Artigono: Fátima Sika



Carlos Pontinha: otimizar a produção para melhorar a oferta.

"Fomos oprimidos pelos consumidores industriais — conta o diretor-superintendente, Vicente Forte — e meu irmão resolveu dar um basta e consumir a própria pasta."

Atualmente, a *mix* industrial da Miguel Forte utiliza um terço de pasta própria, um terço de celulose comprada e um terço de aparas. As enchentes no Sul destruíram a fábrica de pasta mecânica, só deixando intacta a barragem. A família Forte (Domingos, que cuida da parte contábil e financeira; José, diretor-comercial; Miguel e os filhos Domingos, Aramis e Vicente) conseguiu em dois anos reconstruí-la inteiramente, com recursos próprios.

A Miguel Forte continua crescendo. Já tem pronta mais uma máquina, aguardando apenas garantia de fornecimento de celulose no mercado para começar a operar. Serão mais 2.500 toneladas mensais.

A crise papeleira de 1974 deixou marcas no estilo de administração da empresa. Desde então, trabalha sem estoques. Entretanto, em março e abril de 86, sob o impacto da reforma econômica, caiu a carteira de pedidos. O nível de estoques subiu, mas com a procura já aumentada, estes foram desovados e agora a empresa enfrenta um novo problema: uma das fornecedoras não fez as entregas e o resultado foi a diminuição da produção.

Por já fabricarem pasta mecânica e papelão, os irmãos Maia resolveram aproveitar a energia elétrica barata que tinham e o reflorestamento que iniciavam no empreendimento de uma fábrica de cartolina duplex, segundo Miguel Maia Neto, um dos três irmãos.

Em 1977 outro grupo madeireiro, a Ibe-

ma adquiriu o controle acionário mudando o nome para Braspap e, hoje, segundo Renato Gomes Napoli, diretor-comercial, estão novamente promovendo a alteração social para Companhia Brasileira de Papel - Grupo Ibema.

Com a melhoria da produtividade, a fábrica, no início de 1987, aumentará sua produção para 2.300 toneladas por mês, destinando cerca de 85% para atendimento ao mercado doméstico e exportando os 15% excedentes para países que já atende há algum tempo, principalmente no Oriente Médio.

O coordenador comercial da empresa, Jordão Bahls de Almeida Neto, diz que seu produto está com melhor qualidade que anteriormente, e portanto, qualificado para competir em pé de igualdade com os concorrentes nacionais.

"Há mais de 15 anos já antevíamos a ex-cassez de madeira na nossa região e por isso, procuramos diversificar as atividades de nossa indústria madeireira." A afirmação é de Nelson Adolfo Bonet, presidente das Indústrias Bonet. "As Indústrias Bonet — continua — é sociedade estritamente familiar pois, com meu irmão Hermes, nossos filhos e sobrinhos, conduzimos as várias empresas do grupo?"

Com a máquina de cartão hoje produzindo cerca de mil toneladas por mês de duplex a Bonet está terminando a implantação do seu aplicador de revestimento superficial, visando aumentar a produção a partir dos próximos meses.

"Durante estes anos, demos ênfase ao desenvolvimento da indústria de placas de aglomerado/compensado, de polpa moldada e papelão — diz Hermes Bonet, diretor — mas agora, com a facilidade da energia elétrica e pasta mecânica próprias, estamos prontos para apresentar o duplex revestido, que tem maior aceitação no mercado. Agora, só nos resta desejar que não nos falte celulose, pois já paramos a produção algumas vezes devido a isto."

Pequena, mas integrada

O diretor-superintendente da De Zorzi, Antônio Carlos Salce, tem orgulho das aparentes contradições da empresa, que é pequena, mas auto-suficiente; tradicional, mas moderna; modesta, mas sofisticada; atípica mas bem definida.

A De Zorzi é sucessora, desde setembro de 1982, da Cia. Cícero Prado de Celulose e Papel, que tinha 55 anos quando mudou de mãos. Com sede em Pindamonhangaba (SP), a empresa beneficia-se do ▶

Arquivo



Vicente Forte: utilizando um terço de pasta própria.

na de papel miolo para caixa de papelão, com 2.500 toneladas, e papel saco, com duas mil. A empresa também confecciona as caixas nas fábricas de Jundiá (SP) e Itajaí (SC). Produz sacos de papel em Otacílio Costa (SC), para atender o mercado de embalagem das indústrias de cimento, rações, cal e sementes, entre outras. Na avaliação do gerente-geral de comercialização da empresa, Rubens Cunha, o mercado está bom, "mas poderia ser melhor".

Em seus 28 anos de existência, a Manville, de origem americana, desenvolveu capacidade tecnológica que colocou seus produtos em situação competitiva com os melhores fabricantes de *kraft liner* no mundo. Foi a partir da fábrica de papel Itajaí, com 20 toneladas/dia de produção, que tudo começou, pois a Olinkraft, predecessora da Mainville, investiu na produção de celulose e papel de fibra longa. Com a instalação de mais uma máquina, e havendo possibilidade de pintar o papel e cartão que nela se produzia, somado à necessidade de buscar novas linhas de consumo, partiu-se para execução de cartões pintados de branco, similar ao duplex, como já era feito nos Estados Unidos. O bom resultado alcançado no revestimento e mais a alta resistência ao rasgo, oferecida pela fibra longa utilizada, foram fatores decisivos para a comercialização do produto e para sua utilização em embalagens, principalmente as de latas e garrafas de refrigerantes e outras bebidas, além de usos em que o fator resistência é requisito indispensável.

Os oito fabricantes atuais de cartões para embalagens, duplex, triplex e branco, têm continuamente adotado novas tecnologias que atendem às solicitações dos gráficos e seus clientes e, acima de tudo, têm capacidade para atender volume bem maior do que a média atual de 24.113 toneladas mensais, consumidas no mercado interno durante o primeiro semestre de 86.

Calcula-se que a oferta dos fabricantes possa, desde que lhes seja garantido o suprimento de celulose branqueada, atingir com a reativação de máquina parada e redirecionamento de produtos, à expedição de 35.000 toneladas/mês, o que representaria 50% a mais do que a atual demanda.

O mercado, atualmente, é bem equilibrado, mas os fabricantes, com a melhoria da produtividade e conseqüente redução de custos, poderão colocar excedentes no exterior, em condições de competir tanto em qualidade quanto em preço, além de poder tornar-se fornecedor constante.

mercado atualmente é bem equilibrado, mas os fabricantes, com a melhoria da produtividade e diminuição dos custos, poderão colocar excedentes no exterior em condições de competir.

baixo custo do frete devido à sua localização estratégica entre os mercados do Rio e São Paulo, que lhe permite, também, dar um atendimento personalizado aos clientes. Fabrica apenas cartões especiais e mantém linhas inteiras exclusivamente para clientes de alto nível, como a Fiat Lux (caixas de fósforo) e Refinações de Milho Brasil (Maizena, uma embalagem cujo visual resiste a anos). Concentra seu esforço de vendas em clientes que requerem especificações incompatíveis com as encomendas de grandes quantidades. Mantém, por isso, uma produção de mil toneladas/mês de cartões para embalagem, suficiente para o atendimento da sua diversificada clientela.

Na visão de Salce, existe excesso de oferta no mercado internacional. Internamente, os preços foram congelados em níveis muito baixos e, embora o mercado seja comprador no momento, a remuneração é insuficiente em relação ao volume de vendas. Para a De Zorzi, o suprimento de celulose é tranqüilo, já que, com produção própria, chega a ser vendedora de pequenas quantidades. Investiu muito nas antigas instalações, para modernizá-las, e seus equipamentos atualizados refletem uma mentalidade empresarial moderna, arejada e jovem — um perfil que Antônio Cláudio Salce ressalta para acentuar o contraste com o charme de antiguidade da empresa.

A Manville atua exclusivamente no mercado de embalagem, com três linhas de produtos: sacos de papel, cartão para caixas de papelão (*kraft liner*) e cartão revestido, para impressão em *offset* e rotogravura. A maior produção é de *kraft liner*, com 10 mil toneladas, vindo a seguir a li-

NO COMPUTADOR, O COMPORTAMENTO DO SETOR

O I-7000 da ANFPC guarda informações sobre tudo o que interessa à indústria celulósico-papeleira: consumo de energia, de madeira para produção de celulose e de aparas. E ainda tem dados sobre reflorestamento, mão-de-obra, salários etc.

Um dos serviços mais importantes que a ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, presta a seus associados é o fornecimento de estatísticas mensais e anuais sobre o comportamento do setor. Isto é feito de forma que cada empresa possa comparar seu desempenho com os índices médios de indústrias do mesmo porte e, assim, verificar se está mantendo a competitividade em termos de custos e se suas vendas nos mercados interno e externo correspondem às expectativas e potencialidades.

Este é um trabalho desenvolvido pelo estatístico Pedro Vilas Boas, com a utilização de um microcomputador I-7000 da Itautec que possui uma unidade de disco rígido (Winchester) de cinco megabytes de capacidade, para armazenagem de dados, e uma impressora de 150 caracteres por segundo. A ANFPC opera principalmente com *dBase-II*, mas está em condições de fazê-lo também em *Basic CalcTec* e *Mumps*.

Adquirido no início de 1985, o equipamento já está operando a plena capacidade durante sete dias por mês (oito horas por dia), imprimindo relatórios e questionários. É aproveitado apenas como banco de dados, onde são armazenadas as informações enviadas pelos associados: consumo de energia elétrica, de óleo combustível, de lenha, de licor negro em caldeiras de recuperação, de madeira para produção de celulose e de aparas; faturamento, mão-de-obra e salários; produção, vendas e exportação (por tipos de papel); custo setorial; estoques; plantio e reflorestamento; impostos e taxas. O relatório que a empresa recebe traz, ao lado de seu próprio índice, a média do setor, entre fábricas do mesmo porte (as indústrias foram divididas em seis grupos, para efeitos comparativos).

Segundo Vilas Boas, formado em Estatística pela Unicamp, este serviço consegue abranger todo o universo de inte-



Adquirido em 1985, o computador já está operando a plena capacidade.



Vilas Boas: um serviço executado com agilidade em benefício das empresas.

resses dos associados e é executado com a necessária agilidade, permitindo que a empresa constate rapidamente qualquer desvio e tome providências imediatas.

Outro serviço que será prestado mediante a utilização do micro da ANFPC tem características inovadoras, afirma Vi-

las Boas: "Estamos coletando referências bibliográficas de todos os artigos sobre papel e celulose espalhados pelas bibliotecas mantidas por fabricantes em todo o Brasil. Assim, quando houver uma solicitação, nossa bibliotecária Marlene Aparecida Oliveira tem condições de saber imediatamente onde se encontra o artigo ou título de revista existente nas bibliotecas participantes desejado e obter uma cópia".

Executado a pedido do GT-20 (Documentação em Celulose e Papel), este programa ainda não está disponível para os usuários. Por enquanto, foram colocados no microcomputador dados referentes ao primeiro número do Catálogo Seletivo, Papel e Afins (450 artigos compreendendo os períodos janeiro/junho de 1984/85), cuja publicação estará à disposição para consulta e venda na ANFPC, a partir de setembro. O segundo número do Catálogo sairá por volta de março do próximo ano, com referências e/ou artigos de julho a dezembro de 1984/85, ficando todo o ano de 1986 e primeiro semestre de 1987 para julho do mesmo ano.

ONDE O SETOR ENCONTRA O APOIO DA INFORMAÇÃO

São 21 Grupos de Trabalho, cada qual tratando de assunto específico e dando, aos associados da ANFPC, apoio logístico em termos de mercado, de tecnologia, de administração e de recursos humanos.

Uma entidade de classe abriga interesses de seus associados nos seus diversos segmentos de atuação e precisa ser a imagem do setor. Ela reflete a agilidade e dinamismo das empresas que representa, na mesma intensidade com que essas empresas se engajam na defesa de seus interesses comuns e legítimos, numa atuação consensual. Esse conceito deu origem a um cronograma visando a criação — com a premência desejada, para atender os múltiplos interesses de uma atividade ampla e diversificada — dos Grupos de Trabalho da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose. Paulo Bastos Cruz Filho, coordenador desses Grupos de Trabalho e diretor de Desenvolvimento e Relações Externas da Ripasa S.A. Celulose e Papel, enfatiza que, “sem informação é impossível a tomada de decisões” e que, em qualquer setor da

economia “a informação é o insumo indispensável para garantir o acerto das medidas adotadas”.

Segundo Bastos Cruz, nesse campo os associados da ANFPC contam com uma das melhores estruturas, embasada nos seus 21 Grupos de Trabalho. “Quanto mais informações trocarmos, melhores condições teremos para agir, seja em termos de mercado, de ciência, de tecnologia ou de administração e recursos humanos” — acentua, exemplificando: “A troca de informações não só aproxima as empresas e profissionais, como também possibilita que se vislumbre, constantemente, um panorama do setor e ainda permite que não se dupliquem investimentos e esforços em projetos similares. Quanto mais informações pudermos trocar, melhores condições teremos de fortalecimento da entidade e do setor” — conclui Paulo Bastos Cruz.

Quanto mais informações trocarmos, mais e melhores condições teremos para agir.

O que faz cada Grupo de Trabalho

GT-1 Este grupo, que tem como coordenador Maury Fontes de Athayde, assessor da Diretoria de Comercialização das Indústrias Klabin de Papel e Celulose, trata de assuntos da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas e oferece ao setor uma assistência relativa a normas e padrões para papel e celulose. O GT-1 orienta a aplicação de normas elaboradas por órgãos governamentais, associações técnicas etc. Através da divulgação, busca incrementar a participação das empresas a fim de integrar as diversas áreas de normatização existentes no País. No campo internacional, participa do convênio de usuários do sistema do Gatt, fornecendo subsídios aos setores de exportação sobre o uso de barreiras não-tarifárias e na análise das normas internacionais.

GT-2 É coordenado por Sandra Maria Pegorelli, assessora da Diretoria de Desenvolvimento e Relações Externas da Ripasa S.A. Celulose e Papel. O GT-2 cuida da divulgação. Sua função é coletar informações sobre o setor, reuni-las e ordená-las, com a ajuda de jornalistas profissionais dos quadros da Unipress, empresa que oferece assessoria de comunicações às entidades do setor. Este GT coordena os dados recolhidos de evolução do setor; orienta a elaboração de informações destinadas ou solicitadas pelos veículos formadores de opinião pública, e exerce, através da assessoria de comunicações, seu papel de “ponte” entre jornalistas e dirigentes das entidades. Faz parte de suas atividades a integração e troca de informações com veículos dirigidos aos assuntos específicos do setor no plano internacional e a triagem dos assuntos canalizados pelos demais GTs que devam ser divulgados. Ao GT-2 coube implantar a **Revista**

Celulose & Papel e manter sua circulação. Sugere e participa de eventos especiais e sob sua responsabilidade é editado o **Boletim Informativo**, um instrumento de comunicação permanente entre associados, grupos de trabalho e entidades congêneres.

GT-3 Este grupo trata das relações com órgãos do Governo e é coordenado por G. Kurd Riecken, diretor da Indústria de Papel Piracicaba S.A., do grupo Simão, e superintendente-executivo das Indústrias de Papel Simão S.A. O GT-3 tem por missão organizar programas específicos para atender assuntos de interesse do setor junto ao CIP, Seap, CPA, Cacex e outros organismos oficiais. Hoje, uma de suas preocupações é o encaminhamento de problemas ligados ao abastecimento de celulose.

GT-4 Reciclagem é o tema do GT-4, coordenado por Dante Emílio Ramenzoni, diretor-presidente da Pápirus - Indústrias de Papel S.A. Sua atuação engloba a análise e acompanhamento do mercado de aparas, no que se relaciona a preços, abastecimento e qualidade do produto. Entender-se com os fornecedores de aparas de papel é a tarefa permanente do grupo, bem como o encaminhamento de assuntos pertinentes junto a órgãos governamentais. O GT-4 também promove estudos com entidades técnicas visando o emprego pelo segmento reciclador.

GT-5 Este grupo trata de papel para embalagem de fibra longa e miolo. Sob a coordenação de Jahir de Castro, diretor de Vendas das Indústrias Klabin de Papel e Celulose S.A. o GT-5 cuida de todos os assuntos atinentes aos segmentos de papel miolo, papel para caixas, papel para sacos e exportação. Com o crescimento de suas atribuições estuda-se a criação de uma subcoordenadoria técnica para dar suporte ao grupo, cuja abrangência pode ser mensurada pela produção do segmento que representa: 1.824 mil toneladas em 1985, 45% da produção nacional de papel.

GT-6 A área de planejamento, normas e estatísticas é coberta pelo GT-6, que tem como coordenador Marcello L. Pilar, presidente da Cibrap - Cia. Brasileira de Papéis. O grupo desenvolve um trabalho contínuo de coleta, compilação e divulgação das informações estatísticas setoriais (produção, vendas, exportações, impostos e salários pagos, mão-de-obra, capacidade instalada e projetos de expansão). Cuida também do **Relatório Estatístico Anual e da Conjuntura Setorial**, esta de periodicidade mensal.

GT-7 A função deste grupo, que trata de reflorestamento e corre-latos, coordenado por Luiz Gonzaga Murat Júnior, gerente-geral de Recursos Naturais da Cia. Suzano de Papel e Celulose S.A., é promover a integração dos associados na discussão e encaminhamento de assuntos técnicos, políticos e econômicos do setor florestal. Sua tarefa inclui o relacionamento constante com órgãos governamentais, entidades congêneres e técnicas ou de pesquisas científicas, visando orientar a diretoria da ANFPC no encaminhamento ou estabelecimento de políticas e estratégias para o setor florestal.

GT-8 Proteção e melhoria do meio ambiente são os assuntos afetos ao GT-8, coordenado por Armando Mesquita, gerente de Controle Ambiental e Desenvolvimento de Processo da Suzano. Sua missão é implementar o Plano de Controle Ambiental que visa estabelecer uma colaboração recíproca entre Governo e iniciativa privada na implantação de um programa progressivo de controle ambiental.

GT-9 O Grupo de Relações Industriais de Papel e Celulose, conhecido como GT-9, tem como coordenador Aírton Martins Silva, gerente da Divisão de Pessoal da Champion Papel e Celulose. Seus temas envolvem relações trabalhistas, estatística aplicada, legislação trabalhista e previdenciária, desenvolvimento de recursos humanos e segurança e medicina do trabalho.

GT-10 Este grupo cuida de Crédito e Cadastro. Seu coordenador é Abenir Colleti, encarregado de Crédito e Cobrança das Indústrias de Papel Simão S.A., e seu objetivo é preservar o setor dos riscos de créditos duvidosos. É integrado por 20 membros.

GT-11 O GT-11 denomina-se Grupo Técnico e de Suprimentos, sendo coordenado por Marcos Francisco Gardano, gerente de Suprimentos da Cia. Suzano de Papel e Celulose. Estabelece uma ação conjunta do setor na área de suprimentos, promove a troca de experiência para o aperfeiçoamento técnico e cuida do desenvolvimento de novos produtos.

GT-12 Sob a coordenação de Murilo Ribeiro de Araújo, diretor de Marketing da Cia. Melhoramentos de São Paulo - Indústrias de Papel, o GT-12 trata de papéis higiênicos e absorventes — área que engloba uma participação de mais de 60% da produção nacional de papéis para fins sanitários. — debatendo e sugerindo medidas de interesses comuns nesse segmento do setor. ▶



Paulo Bustos Cruz: "A troca de informações aproxima as empresas".

S

ão 21 GTs atuando sempre para dar retaguarda às decisões das empresas do setor.

GT-13 O GT-13 trata de Energia e é coordenado por Benjamin Solitrenick, diretor-técnico da Cia. Suzano de Papel e Celulose. Suas atribuições englobam a conceituação, organização e implementação das ações referentes aos temas de conservação, racionalização, substituição e gerenciamento final dos insumos energéticos. Através dos Sistemas Informativos Gerenciais o grupo coleta, interpreta e divulga o estado de produtividade do óleo combustível, do aproveitamento térmico, da combustão de biomassa e de energia elétrica.

GT-14 Aspectos Fiscais e Tributários são os temas sob responsabilidade do GT-14, coordenado por Walter Azevedo S. Oliveira, gerente-jurídico da Cia. Suzano de Papel e Celulose S.A. Seu acompanhamento da legislação pertinente e troca de informações tem possibilitado às associadas o uso racional da economia tributária.

GT-15 Encarregado de *marketing* por setor de atividades, o GT-15 é coordenado por Osmar Elias Zogbi, diretor-superintendente da Ripasa S.A. Celulose e Papel. Dentre as ações deste grupo, destacam-se as referentes aos papéis para imprimir e escrever. Ainda recentemente foi assinado convênio entre a Câmara Brasileira do Livro e a Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose, visando a criação de um fundo para a divulgação do livro e o incentivo ao gosto pela leitura. Editores e fabricantes de papel já aplicam 1% do total do valor do papel consumido na feitura de livros (cerca de Cz\$ 3,5 milhões) para esse fundo. Outros convênios, visando eventos futuros, continuam sendo estudados.

GT-16 Marcos Antônio Fazenda, gerente operacional da KSR - Comércio e Indústria de Papel S.A., do grupo Simão, coordena o GT-16, que trata de Comércio Exterior. Com subgrupos Comercial, Financeiro, de Transportes e Fretes, o grupo desenvolve estudos visando a obtenção de condições favoráveis para a exportação de produtos do setor.

GT-17 O Intercâmbio com Congêneres do Exterior é desempenhado pelo GT-17, coordenado por Richard Allen Crane, gerente de Serviços de Mercado da Manville Produtos Florestais Ltda. Ele mantém canais permanentes de comunicação com institutos e organizações do exterior, para troca regular de in-

formações. São 34 entidades contatadas em 21 países.

GT-18 Este grupo trata de matérias-primas fibrosas e produtos auxiliares e tem como coordenador Benjamin Solitrenick, diretor-técnico da Cia. Suzano de Papel e Celulose. Objetiva a racionalização, o gerenciamento de uso e o aumento de disponibilidade de oferta de fibras. Compila, interpreta e divulga dados estatísticos, organiza seminários e outras atividades coletivas. Sua proposta de trabalho, entre outras, inclui projeto básico para redução de investimento unitário de fábricas de celulose de madeira.

GT-19 O Grupo de Tecnologia, GT-19, assessoria a diretoria em assuntos específicos ligados a diversas tecnologias, pesquisas e inovações tecnológicas ligadas ao setor. Sua coordenadora é Rosely Maria Viégas Assumpção, chefe de Pesquisa de Produto e Matérias-Primas da Cia. Suzano de Papel e Celulose S.A. O grupo acompanha e avalia as inovações tecnológicas, em conjunto com os setores de pesquisas, particularmente quanto à sua aplicabilidade às condições brasileiras, em apoio sobretudo às pequenas e médias empresas.

GT-20 Coordenado por Maria de Rocio F. Teixeira, chefe da Central de Informação e Documentação da Rio Grande - Cia. de Celulose do Sul, Riocell, o GT-20 trata de Documentação em Celulose e Papel. Ele promove a utilização das bibliotecas e centros de documentação e/ou informação em celulose e papel, mediante o intercâmbio de conhecimentos e experiências, o aperfeiçoamento dos profissionais bibliotecários e documentalistas e coopera com empresas e instituições nos projetos relacionados com sua área de atuação. O grupo está montando um banco de dados automatizado e outro de Normas Técnicas.

GT-21 O GT-21 trata de informática, sob a coordenação de Theodorico Guimarães Cruz, gerente da Divisão de Desenvolvimento de Sistemas da Celulose Nipo-Brasileira S.A. - Cenibra. Seu objetivo é o de minimizar o tempo em pesquisas e alocação de recursos em análises de *hardwares*, *softwares* e metodologias, além de conhecer o grau de informatização das empresas do setor e suas políticas de informática, visando facilitar os contatos e obtenção de referências sobre fornecedores.



BENJAMIN SOLITRENICK

“ Fizemos grandes usinas modernas e não fizemos ainda as linhas de transmissão necessárias ”



Em termos energéticos, o grande problema é, hoje, a falta de confiabilidade do fornecimento de energia elétrica, que é devida a dois fatores: a estiação prolongada e a deficiência das linhas de transmissão. É o que afirma Benjamin Solitrenick, coordenador de Energia da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, vice-presidente (Energia e Tecnologia) da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose e diretor-técnico da Companhia Suzano de Papel e Celulose. Para ele, uma das soluções do problema, acessível aos usuários, é a conservação da energia disponível, usando-a da maneira mais racional possível, pois só a médio prazo o Governo poderá instalar novas linhas de transmissão e aumentar a capacidade geradora. Nesta entrevista, Benjamin Solitrenick explica como é possível fazer isso e as providências que, nesse sentido, já tomaram a iniciativa privada e o Governo.

P. Qual o principal problema energético que o setor de papel e celulose enfrenta hoje?

R. No presente, é sem dúvida, o fornecimento confiável qualitativa e quantitativa de energia elétrica. Contudo, antes de aprofundarmo-nos nesse tema, é de interesse mencionarmos que em 1979, durante o segundo choque, a Associação Nacional estava bem preparada para enfrentar o problema, iniciando uma campanha de conservação e substituição de óleo combustível por alternativos energéticos renováveis, como a biomassa florestal ou

agrícola e o carvão mineral, que deu excelentes resultados. Hoje, o problema energético, não só do setor mas de toda indústria, bem como da sociedade brasileira, principalmente na região Sudeste, é a eletricidade. O setor está, contudo, preparado para uma campanha de conservação de energia elétrica, pois desde 1982 vem procedendo a coleta de um importante número de dados técnico-estatísticos, na forma de um informativo denominado “Estado de Produtividade de Energia Elétrica” que vem sendo distribuído a todos os associados. Em 1981, já era proposta a utilização de eletricidade como alternativa energética para produção de vapor e outras aplicações, substituindo o óleo combustível; disse na ocasião que não via segurança nisso porque o excesso de eletricidade era temporário e que projetava-se que dentro de poucos anos iria faltar energia elétrica. Contudo, a Associação Nacional, como era sua função, deu a máxima divulgação à alternativa de eletrotermia. As projeções da escassez de energia vieram a revelar-se de forma dramática, no *black-out* de 1984.

P. Qual é exatamente a dificuldade que se enfrenta no setor de energia elétrica?

R. Principalmente a falta de distribuição dessa energia. Fizemos grandes usinas modernas e não fizemos ainda as linhas de transmissão necessárias, e hoje precisamos de recursos para realizar essa complementação indispensável. Além disto, já vamos para dois anos de estiagens e falta de água corrente em algumas hi-

drelétricas. Estamos, então, frente a uma ameaçadora combinação de insuficiência de distribuição por falta de linhas de transmissão e de escassez geradora de origem hidrológica.

P. E isso, é claro, se reflete no setor de papel e celulose?

R. Reflete-se no Brasil inteiro e evidentemente, também no nosso setor, que é um consumidor intensivo tanto de energia térmica quanto elétrica. Há alguns meses, tivemos racionamento na região Sul, principalmente pela falta de água, e estamos agora preocupados com as possibilidades de racionamento na região Sudeste, bem como uma possível sobrecarga das linhas de transmissão. Tudo isto, como é fácil imaginar, pode atingir a estrutura sócio-econômica do País. Fazendo menção a notícia de problemas de energia térmica, devido à falta de combustíveis, estamos convictos de que isso não constitui ameaça séria. A biomassa florestal existe, e é adquirível desde que se pague por ela um preço justo, e que a sua utilização se dê sem desperdícios dentro de rendimentos térmicos normativos. Já a energia elétrica é diferente: se a eletricidade não pode fluir pela linha de transmissão ou se ela não sai do gerador por falta de água, não há dinheiro no mundo que possa resolver o problema, simplesmente porque não se pode comprar o que não existe. Aliás, aparecem diversas opiniões de que o Governo terá de aumentar as tarifas de energia elétrica, e que teremos de aceitar isso. Se por acaso forem feitos movimentos ▶

contra tais aumentos, amanhã poderemos ter um problema maior de escassez de distribuição, porque o consumo só tende a aumentar, e se formos reprimir o nosso consumo por racionamento, estaremos forçosamente reduzindo o nosso progresso.

P. A pergunta inevitável a esta altura é: qual a solução?

R. Diante desse quadro, as autoridades federais — Ministérios das Minas e Energia e da Indústria e do Comércio — instituíram, pela Portaria Interministerial nº 1.877, de 30/12/85, o Procel/Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica, para racionalizar o consumo frente a potenciais de conservação que foram detectados por aqueles ministérios. A Associação Nacional, bem como a Associação Paulista, como dito acima, já dispõem de uma importante massa de dados sobre o comportamento eletroenergético do setor. Tomando-se por base a experiência adquirida no esforço termoenergético, tomou-se a decisão de criar um "Manual de Conservação de Energia Elétrica na Indústria Brasileira de Celulose e Papel", a ser compilado em três partes, a saber: 1.ª parte - Gerenciamento da Conta de Energia Elétrica, a cargo da Agência para Aplicação de Energia do Estado de São Paulo - 2.ª parte - Gerenciamento Administrativo do Consumo de Energia Elétrica, a cargo do GT-13/Energia da Associação Nacional, e a 3.ª parte - Gerenciamento Técnico-Operacional do Consumo de Energia Elétrica, a cargo da Comissão Permanente de Energia da Divisão Técnica da ABCP-Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel. A primeira parte é direcionada para o uso racional da energia frente a despesa decorrente. A segunda parte cuidará da distribuição mensal e trimestral de dados técnico-estatísticos de consumo absoluto e específico e, além de outras providências, procurará engajar as Cices-Comissões Internas de Conservação de Energia e CCEs - Comissão de Conservação de Energia das indústrias, no esforço comum. A base de medição do programa será o comportamento do consumo específico, isto é, a quantidade de energia em kWh dividida pela produção final vendável em toneladas. Esses dados, como antes mencionado, já foram tabulados e distribuídos desde 1982. A terceira parte cuidará dos aspectos de rendimento dos sistemas, sendo aquela de execução mais difícil nas fábricas em operação, pois incidem diretamente sobre os bens de ativo fixo. Contudo, os resultados obtidos se-

rão de grande valia para reformas e modernização de instalações e, notadamente para novos projetos. Uma outra vertente para soluções dentro das indústrias, será a conscientização de todos os trabalhadores para prevenir e evitar desperdícios por menores que aparentem ser. A medição do esforço, em termos de consumo específico, é de vital importância para os produtores e o seu conhecimento permitirá a cada usuário avaliar a sua posição relativa à média do seu segmento produtivo, bem como com outros países produtores, pois a grande preocupação do Brasil deve ser o zelo contínuo com sua competitividade internacional.

“O setor responderá rapidamente ao programa.”

P. A seu ver o setor tem condições de responder a esse programa com presteza?

R. Tenho absoluta convicção, baseado nos excelentes resultados obtidos no caso da energia térmica, que o setor responderá rapidamente ao programa. No caso de perdas de rendimento elétrico, admitimos que sua detecção é mais difícil do que das perdas térmicas, que podem ser visíveis ou sensíveis. Para a eletricidade, as empresas deverão fazer uso integral de seus próprios elementos, do manual em preparação, de firmas de engenharia e consultoria, bem como dos importantes serviços técnicos das concessionárias de energia elétrica.

P. Como julga a participação do Governo nesse programa?

R. Pela simples menção da criação do Procel, pelo Governo Federal, e pela par-

ticipação da Agência para Aplicação de Energia no Estado de São Paulo, é patente a disposição das autoridades de dar plena participação ao programa. Contudo, frente ao aparente imperativo de aumentos tarifários, o Governo deveria considerar as ponderações seguintes:

1 - revisão dos critérios dos Decretos-leis nº 644 de 23/06/69 e nº 1.512 de 29/12/76, que instituíram a redução gradativa do empréstimo compulsório quando satisfeitos certos limites do fator de carga e quando o custo do serviço elétrico fosse igual ou superior a 3% do valor das vendas. Essa revisão poderia ser na forma de uma redução do valor de 3%, escalonado, por exemplo, em pontos percentuais a partir de 0,5.

2 - estímulos a autogeração, à co-geração e a operações em paralelo, com a rede pública.

3 - estabelecimento de uma linha especial de financiamento (a exemplo do Conserve que tanto ajudou o problema térmico), para máquinas e equipamentos destinados à conservação e substituição de energia elétrica.

4 - para as empresas altamente eletrointensivas, estabelecer um escalonamento nos aumentos tarifários para prevenir impactos por demais pesados no custo industrial.

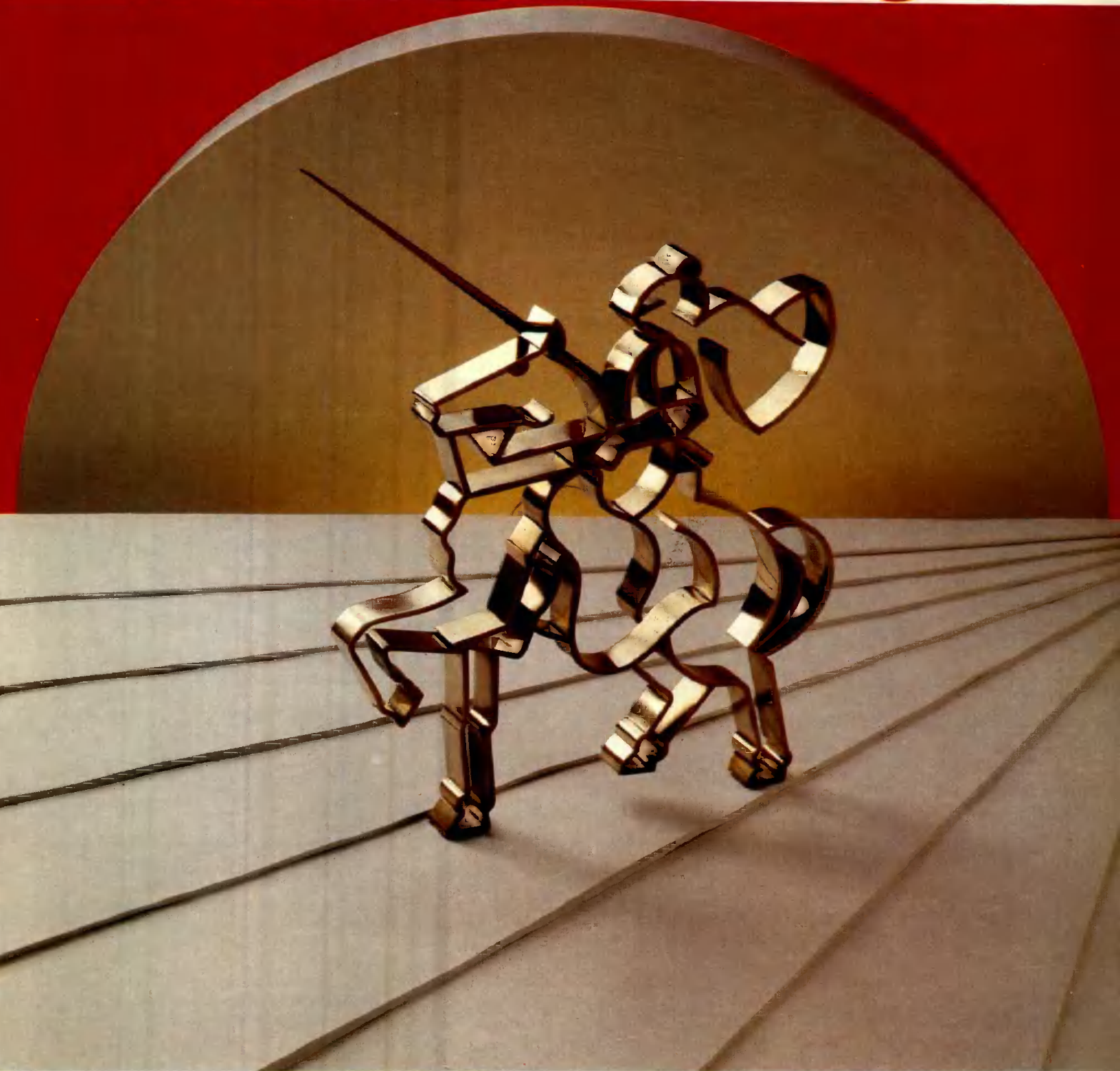
5 - estabelecer, por intermédio da Secretaria de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e do Comércio, e/ou outros órgãos, programas de pesquisa e desenvolvimento em conservação de energia elétrica. Essa sugestão foi adotada no programa térmico, com resultados muito positivos.

6 - na eventualidade de ser estabelecido o racionamento, deveria ser adotado um critério seletivo, favorecendo àquelas empresas que realizaram economia de energia elétrica em caráter espontâneo nos últimos anos.

A EQUIPE DO MANUAL

<i>Benjamin Solitrenick</i>	- Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose
<i>Antônio José Vallér</i>	- Agência para Aplicação de Energia (Cesp/CPFL/Eletropaulo/Comgás)
<i>Kyoshi Harada</i>	- Agência para Aplicação de Energia (Cesp/CPFL/Eletropaulo/Comgás)
<i>Sílvia Bugajer</i>	- ABCP-Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel
<i>Luís Eduardo Delgado</i>	- ABCP-Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel
<i>Pedro Vilas Boas</i>	- Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose
<i>Francisco Saliba</i>	- Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose

Símbolo de Avançada Tecnologia



Os diferentes tipos de papel CHAM-EX, cada qual destinado à seu processo e uso específicos, constituem a expressão da mais avançada tecnologia industrial dirigida

aos consumidores de papel cortado. As referências 100-200-300-400-500 e 600 identificam a nossa linha CHAM-EX e uma delas, certamente, será a mais adequada para a rea-

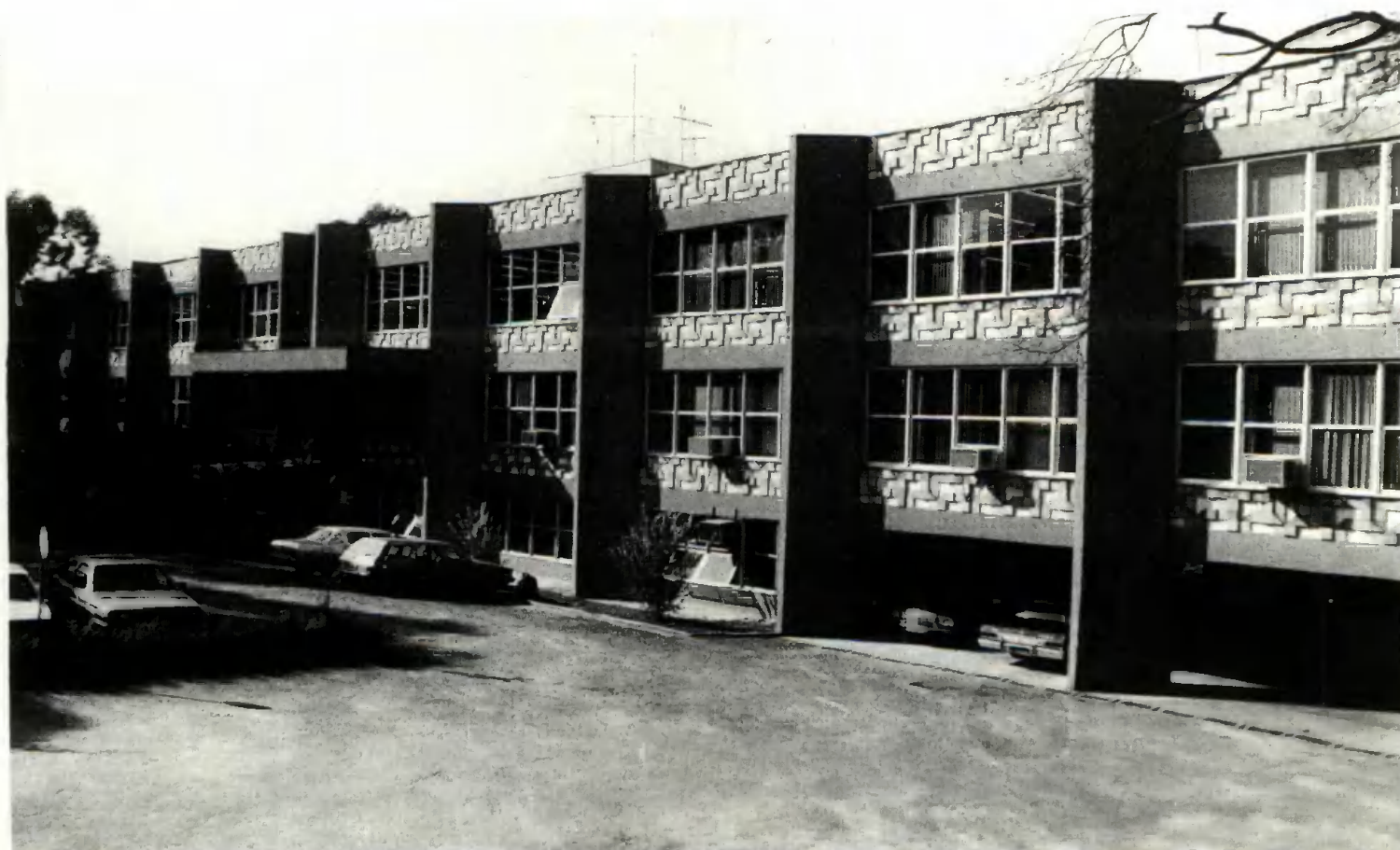
lização de seus serviços. Para manter de ponta a ponta o alto padrão de qualidade e atendimento, dirija-se aos nossos Distribuidores Autorizados.

Champion Papel e Celulose Ltda.

TROMBINI: CRESCIMENTO RACIONAL E PLANEJADO

A abertura de capital está contribuindo de forma decisiva para a ampliação das atividades das 12 empresas do Grupo. E elas já atuam em seis Estados do Brasil e têm negócios na Europa, África, Oriente Médio e América Latina.

Fotos Arquivo



Na sede administrativa, o centro de toda operação do Grupo.

inquenta bilhões de ações estão sendo colocadas no mercado, num pool formado por nada menos que 74 instituições financeiras nacionais.

A abertura de capital da Trombini S.A. - Administração e Participação objetiva o desenvolvimento futuro de novos programas de investimentos, nos segmentos atuais de atuação do Grupo Trombini, assim como na abertura de novos negócios" — afirma o industrial Renato Trombini, presidente da Trombini S.A., que destaca: "Serão colocadas no mercado 50 bilhões de ações, em julho, ao preço inicial de Cz\$ 2,00 por lotes de mil ações, num *pool* composto por

74 instituições financeiras nacionais, coordenadas pelas corretoras Primus e Fator e pelos Bancos Crefisul, Sudameris, Multiplic e Bradesco".

Renato Trombini salienta que "no biênio 86/87 já estão programados investimentos de US\$ 20 milhões, nas atividades desenvolvidas pelo grupo, que espera, para este ano, um faturamento, no geral, de Cz\$ 1,6 bilhão, contra Cz\$ 650 milhões em 1985".

Com cerca de 4.200 funcionários, nas suas 12 empresas, o Grupo Trombini é responsável, hoje, por uma produção que representa 11% do mercado nacional de caixas de papelão ondulado, de 15% do mercado de sacos de papel multifolhados e 7% do mercado de papéis para embalagem”.

“As 12 empresas do grupo estão instaladas em seis Estados brasileiros e os nossos produtos são vendidos em todo o território nacional, além de exportarmos para a América Latina, Europa, África, Oriente Médio e, mais recentemente, para a China” — destaca o presidente da Trombini S.A.

Para Renato Trombini, a abertura de capital da Trombini S.A. representa “uma grande oportunidade para os investidores, que acreditam no potencial do trabalho e da tradição, que fazem das empresas Trombini um grupo forte, sólido e que apresenta excelentes perspectivas de desenvolvimento, inclusive a nível de novos negócios”.

Um pouco de história

O Grupo Industrial Trombini está presente em boa parte do território brasileiro, através das suas 12 empresas, instaladas nos Estados do Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso e Bahia, com atuação nas áreas de florestas, agropecuária, indústrias de celulose, papel, embalagens de papelão ondulado, sacos de papel e máquinas e equipamentos específicos para o setor papeleiro.

Atuando no mercado interno e externo, o Grupo Trombini é hoje responsável por significativas contribuições à produção nacional de caixas de papelão ondulado (com 11% do mercado) e de sacos de papel multifolhados (com 15% do mercado). Além disso possui 50 mil hectares de terras ocupados por florestas, reflorestamentos, agricultura e pecuária, com um total de 80 milhões de árvores.

O Grupo Trombini iniciou sua constituição e desenvolvimento em 1941, com a entrada em operação de empresas pequenas, que atuavam nos setores de representação, depósitos de aparas de papel e armazéns de secos e molhados. Até 1968, a atuação das empresas Trombini se dava nos setores de atacado de papéis e produtos alimentícios, com representações e consignações nos Estados do Paraná e Santa Catarina.

A partir de 1962, as empresas Trombini iniciaram seu desenvolvimento industrial, com uma pequena fábrica de sacos de papel, a Curipel, que fazia sacos para pipoca e armazéns. Em 1966 entrou em operação a Mirtillo Trombini, então uma pequena indústria de caixas de papelão, e em



Dos estoques da Facelpa o suprimento para as indústrias de ponta.

1967 foi adquirida a Celpa — hoje Facelpa — então uma pequena fábrica de papel. Esta foi a primeira fase de desenvolvimento do Grupo Trombini.

Em 1968, iniciou-se o desenvolvimento industrial do Grupo Trombini, com o encerramento das atividades comerciais, o início das atividades de reflorestamento e uma concentração mais ampla de esforços e recursos na atividade industrial. Hoje, o Grupo Trombini é composto por 12 empresas, com 14 unidades industriais, instaladas em seis Estados brasileiros, com uma produção de 140 mil toneladas/ano de papel e celulose, de 130 mil toneladas/ano de caixas de papelão ondulado e de 60 mil toneladas/ano de sacos e artefatos de papel, além de produzir máquinas e equipamentos para o setor papeleiro, substituindo, inclusive, importações e gerando divisas.

As empresas do Grupo Trombini

No setor industrial, as empresas do Grupo Trombini são a **Trombini Embalagens S.A.**, que produz caixas de papelão ondulado, com unidades industriais em Curitiba, Farroupilha, Itaquaquecetuba e Feira de Santana; a **Facelpa - Fábrica de Celulose e Papel S.A.**, que produz celulose e papel para embalagens, com fábricas em Curitiba, Palmeira, Fraiburgo, Rio dos Patos, Canela e Caxias do Sul; a **Curipel S.A. - Indústria de Artefatos de Papel**, que produz sacos multifolhados e simples, além de artefatos de papel, com indústrias em Curitiba e Porto Alegre; a **Sund-Emba-BHS Indústria de Máquinas S.A.**, socie-

dade com a empresa sueca Sund e a empresa alemã BHS, para a fabricação de máquinas e equipamentos para o setor papeleiro, com fábrica em Curitiba; a **Madelâmina - Indústria e Comércio de Madeiras**, para o beneficiamento de madeira, com unidades em Canela, Fraiburgo e Quatro Barras; e a **CEEIB - Controles Electro Eletrônicos Indústria Brasileira**, com fábrica em Curitiba.

Em outros setores, o Grupo Trombini possui ainda a **Tro-Agropecuária S.A.**, que atua na extração vegetal, como subsidiária da Facelpa, com fazendas em Rio Branco do Sul, Fraiburgo e Canela. Também ligada à Facelpa existe a **Aparas de Papel Sulina**, com escritórios em Curitiba, São Paulo (2), Ribeirão Preto, Londrina, Maringá, Florianópolis e Porto Alegre. No setor de reflorestamento atua a **Trombini Florestal S.A.**, com fazendas em Rio Branco do Sul, Fraiburgo e Canela. No setor de agricultura opera a **Agrícola Trombini Ltda.**, com fazendas em Diamantino e Palmeira, e na criação de gado atua a **Pecuária Trombini Ltda.**, com fazendas em Pinhalão e Ribeirão Claro. Além destas empresas, complementa o Grupo a **Trombini S.A. - Administração e Participação**, empresa holding que controla administrativamente todas as empresas Trombini.

A Facelpa - Fábrica de Papel e Celulose S.A., é a empresa do Grupo Trombini que realiza todo o trabalho de retaguarda, dotando os mais diversos setores da fundamental matéria-prima para o desempenho do processo industrial. Utilizando *pinus* da própria produção e papéis reciclados, a Facelpa garante o aten-

São 12 empresas instaladas em seis Estados: Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso e Bahia.

dimento para a Trombini Embalagens e a Curipel, empresa de ponta do grupo na fabricação de embalagens de papelão e sacos multifolhados, com uma produção de 11.500 toneladas/mês, e perspectivas de crescimento da produção para atendimento aos demais setores do mercado em torno de 30 a 40 por cento.

A Facelpa é a indústria pioneira em exportação de papel reciclado, com previsão para este ano de atingir 20 mil toneladas de produtos exportados, captando no mercado exterior mais de US\$ 5 milhões, tendo como principais importadores deste tipo de produto a Itália, Irã, Egito, Malásia, Cingapura, Nigéria, Hong-Kong e China.

O diretor-presidente da Facelpa, Lenomir Trombini, considera que a fase atual do mercado é estável e crescente, embora enfrentando um período de supervalorização geral com a grande fase de consumo verificada pelas medidas adotadas no plano econômico do Governo. "As perspectivas são ótimas, com a produção vendida até o final do ano, e uma forte possibilidade de crescimento da produção com os diversos setores operando *full-time* para poder atender a demanda atual" — diz ele.

Apesar de bastante otimista quanto ao estágio atual do setor na economia brasileira, Lenomir se mostra preocupado com uma possível limitação do horizonte produtivo, em que a "bonança" da grande fase consumista pode e deve ser encarada como uma ameaça para todos os setores que hoje se mostram em franca expansão. "É preciso racionalidade e muita visão para prever o que vem pela frente — diz Lenomir — e o que mais vai contar para a estabilização futura é a base e a experiência de cada um, pois só quem já apanhou em fase de recessão é que poderá vencer a batalha que vem pela frente."

Operando com racionalidade e aplicando todo um planejamento a Facelpa estará reiniciando operações em mais uma empresa do grupo, no município de Palmeira (PR), para a produção de papel de jornal e papel monolúcido, e que vem unir-se às outras três indústrias da Facelpa localizadas em Curitiba, Fraiburgo (SC) e Canela (RS), que são responsáveis pela produção de celulose e papel *kraft*, atendendo ao mercado interno e exterior, com cerca de 150 mil toneladas anuais de produtos.

É ponto pacífico para todo o grupo industrial, a manutenção do meio ambiente e a defesa da ecologia, com execução de controle aéreo e hídrico dos níveis de poluição, buscando a complementação e a integração das indústrias ao meio em que estão instaladas. A consciência do Grupo Trombini perante a responsabilidade ambiental, é caracterizada pelos investimentos no setor, além do direcionamento de atividades por outros segmentos que atuam especificamente na defesa do equilíbrio ecológico.

Com produção voltada para sacaria industrial e artefatos de papel, a Curipel S.A. utiliza um moderno equipamento, perfeitamente ajustado às necessidades do mercado, utilizando recursos eletrônicos e mecânicos que garantem o padrão e a qualidade dos produtos que oferece, valendo-se inclusive, de sofisticada



Fotos Arquivo

O equipamento moderno permite a produção de 360 sacos por minuto.



Renato, Lenomir, Ítalo e Raul Trombini: a família no comando do grupo.

Controle e qualidade até para a produção de pequenos artefatos.



dos alinhadores óticos, para o controle na linha industrial.

Contando ainda com uma estrutura integrada por 600 funcionários, em duas unidades, localizadas em Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS), a Curipel desenvolve em 85% de sua capacidade a produção de sacos multifolhados e sacaria pesada, além da industrialização de cadernos escolares e demais artefatos de papel que consolidam o nome do grupo junto aos mercados consumidores a que se destinam. Seguindo o presidente da Curipel S.A., Ítalo Trombini, “antes de entrar no processo produtivo, a matéria-prima utilizada, fornecida pelo próprio grupo ou por terceiros, passa por rigorosos testes de controle de qualidade, que vão desde a prova de umidade, resistência à tração, passando pela elasticidade e rasgo”. Com isso, prossegue, “garantimos a toda prova os produtos que colocamos no mercado”.

Da produção mensal de cerca de 4.200 toneladas, a Curipel oferece várias opções às necessidades e exigências do mercado, com produção de sacos multifolhados, sacos de papel industrial, sacos valvulados para cimento, ração e sementes, além de papéis em bobinas em até quatro cores e cadernos e artefatos nos mais variados formatos e tipos.

Com unidades dotadas de modernos equipamentos, a Curipel apresenta em seu parque industrial máquinas que chegam a 80 m de comprimento, capazes de produzir 360 sacos por minuto, em processos que se igualam aos de países de avançada tec-

nologia. Detalhes como estes é que asseguram a solidez do grupo e a segurança e alta qualidade dos produtos oferecidos.

Iniciando operações com dez empregados e contando atualmente com mais de 1.300 nos mais diversos setores que envolvem o moderno equipamento para atender sua demanda, a Trombini Embalagens S.A., ocupa o terceiro lugar como fornecedor do Brasil na produção de caixas e embalagens de papelão ondulado. Uma posição que “foi conseguida com muito trabalho e dedicação, em muitos anos de atividade” — ressalta Raul Trombini, presidente da empresa.

Planejamento é a palavra chave para o desempenho da indústria, que buscou a descentralização das operações, distribuindo suas indústrias em pontos estratégicos, de forma a melhor atender todo o território brasileiro. Atualmente as indústrias integrantes deste sistema estão instaladas em Curitiba, atendendo ao mercado estadual e de Santa Catarina; em Farroupilha (RS), atendendo a todo o Rio Grande do Sul e também ao setor de exportação dos países latino-americanos; em Feira de Santana (BA), para atender ao Centro e Nordeste brasileiro; e no município de Itaquaquecetuba (SP), colocando os produtos nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

“Estamos equilibrados dentro do programa da nossa própria empresa” — diz Raul Trombini, ao analisar a situação atual do mercado e o momento econômico nacional — “e esperamos dotar nossas fábricas

dos mais modernos equipamentos, buscando ainda melhores localizações, não descuidando de um setor que consideramos bastante importante que é o de recursos humanos, onde procuramos valorizar ao máximo possível a participação de cada um dentro da empresa e, desta forma, contando com uma integração cada vez maior”. É esta integração que faz com que a Trombini Embalagens produza hoje 11% das necessidades do mercado nacional de caixas de papelão ondulado, com uma produção anual de 130 mil toneladas.

“Acompanhamos de perto o crescimento do mercado brasileiro” comenta Raul, “porque nossa indústria é o reflexo do crescimento da indústria no País, já que a embalagem é a vestimenta do produto. Com isso, vemos que atualmente há uma onda consumista muito acentuada, com piques de produção em todos os setores. Este crescimento de produção e de consumo, pode não ser benéfico para o mercado brasileiro, caso as autoridades não tomem por base imediata fixar os parâmetros que deverão nortear o plano econômico para o futuro. É preciso, antes de tudo, planejar”.

É este planejamento que merece destaque no Grupo Trombini com a abertura de capital e lançamento no mercado das suas ações. “Queremos o maior número possível de pessoas participando do grupo, como acionistas. Nosso grupo que é familiar, passa a se colocar numa grande fase empresarial, e isso significa o verdadeiro profissionalismo do setor” — finaliza Raul Trombini.



SEPACO: HOSPITAL EQUIPA-SE PARA SERVIR MELHOR.

Entrou em funcionamento o Centro de Terapia Intensiva, concretizando um sonho. A unidade coloca o hospital em pé de igualdade com os maiores da capital de São Paulo.

Com o início de operações do CTI - Centro de Terapia Intensiva, no dia 2 de junho, o Hospital do Sepaco - Serviço Social da Indústria de Papel, Papelão e Cortiça no Estado de São Paulo está agora com todas as suas unidades funcionando. "Foi a concretização de um velho sonho — afirma o superintendente-geral Haino Burmester —, mudando a própria característica do hospital, que se colocou em condições de igualdade com os maiores centros hospitalares paulistas."

O CTI ocupa, aproximadamente, 400 metros quadrados, no quarto andar do hospital, e está sendo operado através de um convênio com o Instituto do Coração do Hospital das Clínicas. Com oito leitos para adultos e dois para crianças, serve para todo tipo de patologia que requeira tratamento intensivo — infartos, neurocirurgias, cirurgias torácicas, comas etc —, permitindo que agora se atenda no próprio Sepaco casos delicados que antes eram encaminhados para outros estabelecimentos.

Segundo o dr. Haino, o CTI vinha sendo equipado "há muito tempo, mas só agora conseguimos fazê-lo funcionar, já que o custo operacional é dos mais elevados, por implicar equipamento e mão-de-obra intensivos".

O paciente fica permanentemente monitorizado, a fim de que se possa saber a qualquer instante seu traçado eletrocardiográfico, pressão e batimento cardíaco (a central de computador que coleta estes dados está programada para emitir um alarme se houver variação significativa).

Além disto, chegam a ser necessários no CTI até dois funcionários de enfermagem para um único paciente, enquanto numa unidade comum a relação é de um funcionário para seis pacientes. Finalmente, há a obrigatoriedade de presença ininterrupta de um médico.

Por tudo isto, a diária de unidades de terapia intensiva nos hospitais particulares é de aproximadamente 10 mil cruzados, visando cobrir custos operacionais acima de Cz\$ 5 mil, entre cama, comida, atendimento de enfermagem e uso do equipamento. "Imagine a dificuldade em viabilizar um serviço desses em nosso hospital. Mas afinal conseguimos, graças à compreensão das empresas associadas e ao convênio com o Hospital das Clínicas" — destaca o dr. Haino.

O superintendente-geral do Hospital do Sepaco aproveita para ressaltar que, ao contrário da imagem difundida entre os leigos, o paciente que vai para a UTI não é aquele que tem os dias contados: "Nós encaminhamos à UTI o doente com chance de sobrevivência, não o desenganado. Empregamos nossos melhores esforços para tentar salvar vidas.

Atendimento sem luxo, mas com muita qualidade

O Hospital do Sepaco realizou, em 1985, 175.482 consultas (das 300.931 prestadas pelo sistema como um todo, o que inclui os convênios, o ambulatório de Mogi das Cruzes, os encaminhamentos efetuados por sindicatos e empresas do Interior), 4.402 internações, 4.921 cirurgias, 143.583 exames laboratoriais, 19.001 exames radiológicos, 10.862 exames abreguográficos, 3.832 eletrocardiogramas, 52.935 procedimentos fisioterápicos e 796 partos.

Conta atualmente com cem leitos (fora os dez do CTI, considerados "de retaguarda"), mas possui capacidade para outros cem, que serão abertos à medida das necessidades. Como tem um número satisfatório de funcionários — 485, entre eles 83 médicos —, pode manter-se tranquilamente dentro dos padrões prescritos pela OMS - Organização Mundial de Saúde:



Hospital do Sepaco: atendendo a centenas

pele menos três funcionários por leito, não mais que quatro consultas por hora.

O dr. Haino considera que o Sepaco tem cumprido o seu objetivo de proporcionar "um atendimento com dignidade, respeito, conforto e, principalmente, qualidade". Mas não há luxo, esclarece: acompanhantes, por exemplo, não são admitidos, pois sua presença obrigaria a dividir as instalações ao meio e poderia ser prejudicial para a cura do paciente (países desenvolvidos não têm a modalidade de internação com acompanhantes).

Atualmente, o hospital dá cobertura a cerca de 250 mil pessoas no Estado de São Paulo.

Êxito no controle da infecção hospitalar

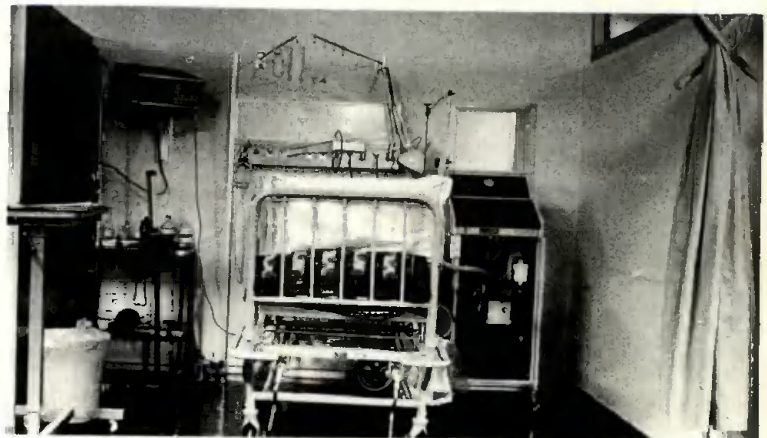
Um ponto de orgulho para o superintendente-geral é que o Sepaco fechou 1985 com um índice de infecção hospitalar de apenas 3,7% (em relação ao número de internações), abaixo, portanto, do percentual considerado aceitável pela Organização Mundial de Saúde: 5%. "Nossa preocupação com este problema vai ao ponto de mantermos um médico incumbido exclusivamente da Comissão de Controle da Infecção Hospitalar, o dr. Antônio Tadeu Fernandes, especialista em moléstias parasitárias. E vale lembrar que nem sempre a chamada infecção hospitalar é fruto do



milhares de pessoas.



O computador controlando as ações no CTI.



No Centro, muitos recursos para a terapia intensiva.

próprio hospital, decorrendo, às vezes, do debilitamento do indivíduo, que o torna vulnerável a bactérias que já traz consigo. Ou seja, algumas infecções hospitalares são inevitáveis mas, em relação ao que se pode evitar, nossos índices têm sido ótimos” — explica o dr. Haino.

Foi inclusive no Sepaco que nasceu o Núcleo Paulista de Estudos sobre Infecção Hospitalar — grupo de profissionais de saúde de diversos hospitais de São Paulo, dedicado ao estudo da questão. “Eles começaram reunindo-se aqui, há alguns anos, depois o movimento foi ganhando

maior vulto e agora os encontros ocorrem cada vez num hospital, em rodízio” — informa o dr. Haino.

Uma das providências adotadas no Sepaco é a dedetização completa (rasteira e fumigação do forro) a cada três meses. “Arcamos com um custo alto e temos to- ▶

Experiência inédita une capital e trabalho

Um Inamps que deu certo” — esta é a definição que o médico e empresário Jamil Nicolau Aun, presidente do Sindicato da Indústria do Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel no Estado de São Paulo e do Sepaco, dá para este serviço social do setor, que em seu moderno hospital presta atendimento gratuito tanto ao trabalhador (mesmo aposentado) como aos seus dependentes.

Jaélcio Santana

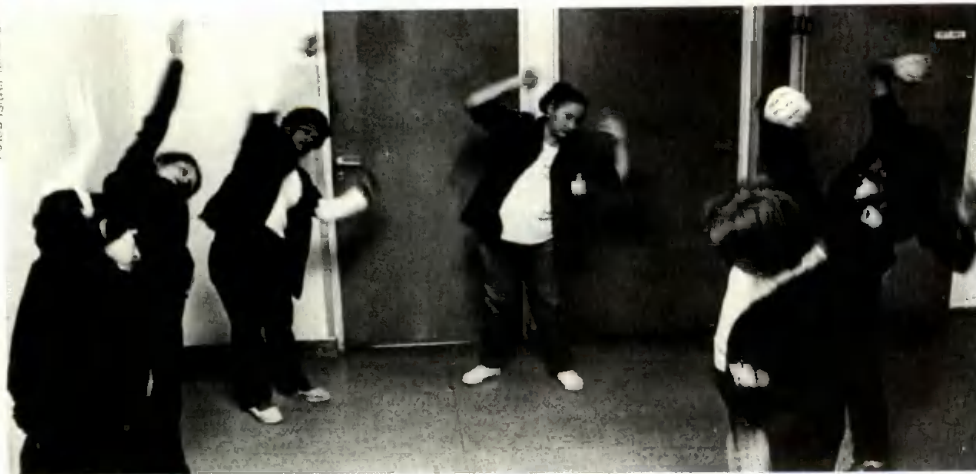


Jamil Aun: sem fila e sem demora.

O Hospital do Sepaco é mantido por contribuições mensais das empresas do setor e administrado por uma diretoria conjunta, integrada por empresários e dirigentes sindicais dos trabalhadores. “Trata-se de uma experiência inédita resultante da união entre o capital e o trabalho, que dá aos empregados da categoria soluções satisfatórias para a deficiente assistência médica proporcionada pelo Estado”, — acrescenta Aun, orgulhoso dos serviços oferecidos pelo hos-

pital “em clínica médica, terapia intensiva e mais de 20 especialidades, sem filas e sem demora”.

Para o presidente do Sepaco, é muito importante poder contar com equipamentos e instalações modernas, além de profissionais competentes que trabalham movidos por um ideal, pois isto permite a aplicação de novos conceitos, dirigindo a entidade não só para o tratamento das doenças, mas também para a preservação da saúde. “Aí se insere a noção de hospital para fora, que prevê a interação do hospital com a comunidade de usuários. O hospital deixa de ser uma entidade estática para interagir com o usuário em seu ambiente social, visando promover e recuperar a saúde, e prevenir as doenças. O hospital atua sobre o usuário antes e depois da internação, procurando evitá-la ou minimizando as suas possíveis conseqüências negativas” — conclui Aun.



Ginástica: uma proposta ousada inspirada no Japão.


do o trabalho de remover os pacientes, mas podemos orgulhar-nos de ser um dos poucos hospitais brasileiros sem pulgas, baratas e ratos” — diz o dr. Haino. Na cozinha, a dedetização e desratização é efetuada a cada trinta dias.

Para o superintendente-geral, o Sepaco

possui características especiais “que dão a oportunidade de se fazer aqui aquelas coisas que se **deve** fazer, mas nem sempre se **pode** fazer em outros lugares”. Daí surgirem projetos inovadores, como o da visita de fisioterapeutas às indústrias de papel, para observar como as tarefas estão sen-

do realizadas pelos funcionários e sugerir melhorias na **ergonomia** — relação do corpo com o ambiente —, forma da pessoa sentar-se, apoio para o pé, iluminação, temperatura etc.

Mais ousada ainda é a proposta de **Ginástica na Fábrica**, segundo o modelo japonês. Ela consiste em cinco minutos de exercitação diária, com movimentos de relaxamento físico que aliviem a musculatura sobrecarregada pelo trabalho específico desempenhado em cada seção. A atividade é desenvolvida no próprio local de trabalho e sem necessidade de roupa especial, pois os exercícios são de fácil execução.

Os resultados, segundo o dr. Haino, são de que o indivíduo trabalha com maior satisfação, se acidenta menos, falta menos e vive melhor. Um projeto-piloto neste sentido, concebido pelo setor de Fisioterapia, vem sendo executado no próprio Sepaco, com a adesão voluntária de até 79% dos funcionários. 

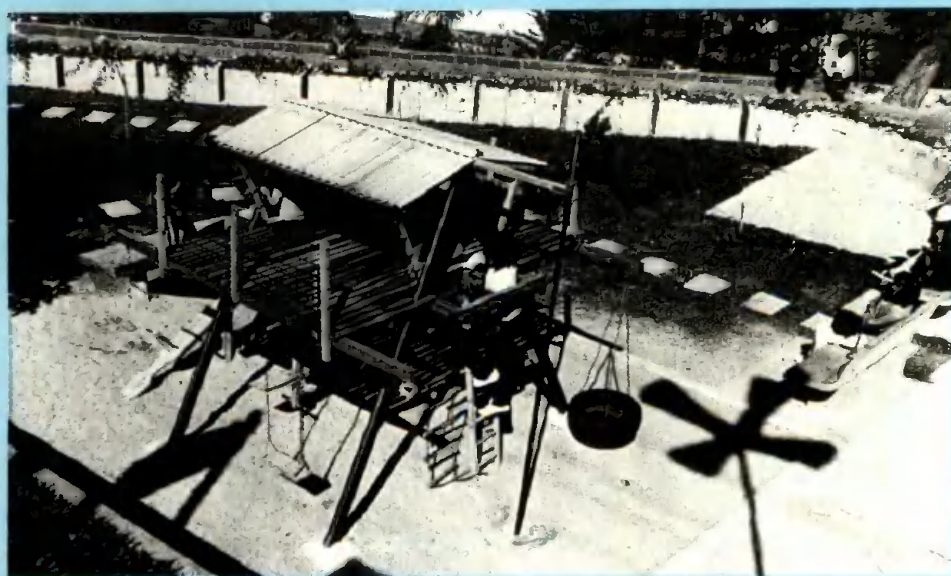
Uma casa de saúde, não de doenças...

“O hospital é uma casa de saúde, e não uma casa de doença” — esta é a imagem que o Sepaco procura difundir entre as crianças, substituindo os preconceitos que os adultos erroneamente inculcam — quando, por exemplo, ameaçam o filho com a ida ao médico caso ele não se comporte bem.

“Ao invés de dor e castigo, queremos que a criança associe os cuidados com a saúde ao divertimento e prazer” — explica o dr. Haino Burmester. De início foi o projeto Venha Brincar no Hospital, com a garagem do Sepaco sendo fechada nas tardes de sábado para que a meninada pudesse lá brincar, sob orientação de algumas funcionárias. Houve dias em que o comparecimento foi de umas 500 crianças.

No começo deste ano, foi inaugurado o parquinho, onde a criança pode brincar enquanto a mãe vai a uma consulta, ou relaxar um pouco a caminho do pediatra. Está aberto a qualquer criança, sendo bastante freqüentado pela meninada da Vila Mariana; o único limite é quanto à idade (máxima de oito anos).

Agora está sendo criada uma história em quadrinhos na qual as aventuras de um personagem-símbolo do hospital — o palhaço Paco — servirão para transmitir noções de saúde. A aura ameaça-




Para crianças, um programa: “Venha Brincar no Hospital”.

dora dos hospitais cede lugar à visão de um lugar agradável onde “tem o Paco/Sepaqui/Sepaco lá/Lá tem o Paco/Meu amigo/O que é que há”.

Numa concepção inicial, as estorinhas são narradas em versos e as intenções didáticas procuram conjugar-se com uma comunicação singela e ingênua: “O Raul, de tão doente/Foi consultar-se com um tal de Dr. Pedi Atra/E dizia que doía, des-

de o pé até o dente/O Dr. Pedi Atra, menino, é o médico que cuida de/Crianças, desde o nascimento, enquanto são pequenos”.

O boneco foi criado por um médico e as estorinhas estão sendo esboçadas por funcionários e voluntárias. Quando se chegar ao estágio de imprimi-las ou mimeografá-las, o Sepaco ganhará feições ainda mais humanas, identificado, a partir de então, com o simpático palhacinho.



Este é o mundo da Manville.

Desde 1958 a Manville vem criando um mundo de pinheiros, celulose, papel e embalagens. Um mundo onde a qualidade e a tecnologia convivem com o mais profundo respeito à natureza.

O último exemplo disto é a recente implantação de um moderno processo de tratamento de efluentes industriais. Item significativo de uma política de constantes investimentos.

Responsável por 2.300 empregos diretos, a empresa está presente no esforço de substituição do óleo combustível, utilizando madeira e resíduos florestais próprios para fins energéticos.

Este é o mundo da Manville. Um mundo onde a beleza da paisagem se integra perfeitamente ao crescimento nacional.



AMÉRICA LATINA ESTUDA OS FATORES LIMITANTES DO SETOR

O professor Jacques Marcovitch foi o moderador da mesa-redonda patrocinada pela OEA, no IV Congresso Latino-Americano de Celulose e Papel, sobre fatores limitantes. Aqui, ele relata o que se discutiu no evento.

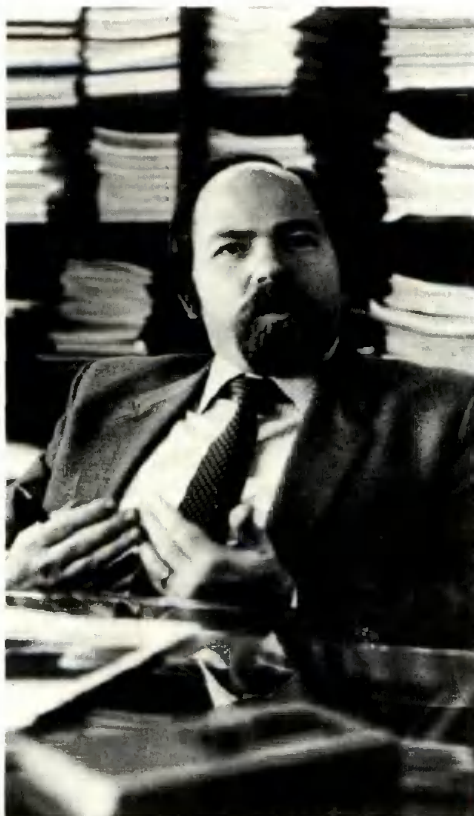
Em 1979, o professor Jacques Marcovitch, atualmente presidente das Empresas de Energia do Estado de São Paulo, foi convidado por entidades dos setores de celulose e papel e florestal a colaborar na elaboração de dois planos. “O primeiro foi um plano de longo prazo (de 1979 até o fim da década de 1990), que demonstrou que o gargalo de setor seria o equacionamento do problema da matéria-prima: a madeira; num segundo trabalho, buscou apresentar soluções para este problema até o ano dois mil. Foram dois trabalhos de previsão” — explica Marcovitch. Esses estudos foram feitos por grupos constituídos de empresários, integrantes de agências governamentais e pesquisadores.

Quando, no IV Congresso Latino-Americano de Celulose e Papel, foi organizada a mesa-redonda Fatores Limitantes - patrocinada pela OEA (Organização dos Estados Americanos), o professor Jacques Marcovitch recebeu convite para, junto com representantes de seis países, moderar os debates.

“Nosso trabalho — informa Marcovitch — foi apresentar o que se fez no Brasil quanto a propostas de planos setoriais e propor que um esforço semelhante fosse feito para a América Latina.” O resultado foi uma proposta da OEA, no sentido de um esforço regional, que teria o CTCP do IPT (Centro Técnico em Celulose e Papel do Instituto de Pesquisas Tecnológicas) como base de informações e de articulações.

A seguir, o professor Jacques Marcovitch explica quais são os fatores limitantes ao desenvolvimento do setor e que se generalizam por toda a América Latina:

Limitação de recursos financeiros — “O



Marcovitch: proposta de esforço igual ao brasileiro para a América Latina.

que se observa em relação a todos os países da região é que os investimentos a serem realizados no campo da celulose e papel são investimentos elevados de longo prazo de maturação e que são, geralmente, limitados”.

Escassez de madeira com elevados preços nas regiões de consumo — “Várias empresas localizam-se perto de regiões que se urbanizaram. Nessas áreas passa a faltar madeira. Com exceção das florestas plantadas que as empresas estão adminis-

trando, as florestas naturais já se tornam escassas. A grande ameaça para o setor são os países da África, que contam com maior disponibilidade de madeira do que a América latina. O Chile é uma exceção, por manter uma boa reserva florestal”.

Crescente competição no mercado internacional — “O que está acontecendo é que as empresas de países desenvolvidos procuram trabalhar com produtos nobres, deixando os países em desenvolvimento com a produção da polpa, da celulose e de outros produtos de menor intensidade tecnológica. Hoje, nós somos produtores essencialmente de matérias-primas ou de produtos menos nobres, cujos custos vão de US\$ 450 a US\$ 800 mil por tonelada, enquanto os países tradicionais no ramo do papel (como Suécia e outros) definiram como seu produto aquele cujos preços, no mercado, situam-se acima de mil dólares a tonelada. São produtos que trazem embutidos uma quantidade de tecnologia muito maior do que os nossos. Essa competição está-se dando também porque não temos a infra-estrutura que os países desenvolvidos têm em termos de transportes, de portos, de acessos a mercados externos”.

Insuficiência de mão-de-obra especializada — “Essa é outra limitação. O Brasil e a América Latina em geral, não têm preparado o seu pessoal para o salto que a indústria de celulose e papel está dando. Excluindo-se alguns casos isolados — como o IPT e outros centros já tradicionais — toda essa mão-de-obra está sendo treinada nas próprias empresas e com limitação”.

A questão ecológica — “Essa é, sem dúvida, outra grande limitação. Apesar de todos os investimentos que as empresas fi-

zeram, nem todas as questões de simbiose com o meio externo estão resolvidas. Temos, ainda, o problema do cheiro e parcialmente o da poluição da água. São problemas tecnologicamente solúveis, mas que exigem investimentos muito altos. O que se observa é que as empresas já estão conscientes desse problema e estão tratando dele”.

Interesse em discutir o futuro

No congresso registrou-se acentuado interesse dos participantes na mesa-redonda Fatores Limitantes. O professor Marcovitch explica a razão desse interesse: “Essa reunião tem um caráter muito técnico. Todo mundo que lá estava apresentou trabalhos técnicos. Havia uma coleção de mais de 300 trabalhos. Quando chegou nessa mesa-redonda, surgiu a oportunidade de sair da questão meramente técnica e passar a discutir um pouco o futuro, de forma integrante”.

“O que se observou nas cinco apresentações — prossegue o professor — é que, apesar de haver muitas semelhanças entre os países representados quanto aos seus problemas, não havia nenhum esforço no sentido de criar uma complemen-

taridade na sua solução. Então, havia muito interesse do pessoal em ver como seria possível criar essa complementaridade entre os vários setores — tanto entre os países como na relação Universidade/Governo/Indústria”.

Para o professor Marcovitch, os fatores limitantes são comuns a todos os países da região. E o Brasil está entre os países da América Latina que conseguiram dar maior estruturação e conseguem lidar melhor com esses problemas. “O Brasil e o México, por exemplo — ressalva —, são países que têm conseguido lidar com essas situações. Mas o Brasil, sem dúvida, está na frente, na solução de alguns problemas.” Ele cita, como exemplo, um caso muito concreto: “O Brasil é o único país da região que tem alguns centros tecnológicos muito sólidos vinculados à indústria. Segundo o professor, o Centro Tecnológico da Araeruz, em Vitória (ES) e o da Riocell (RS), são exemplos de projeção mundial. O trabalho de engenharia genética que estão realizando é único no Brasil, sem dúvida. Ele ressalta a importância do Centro Tecnológico da Riocell que, “na área de proteção da qualidade da água é um centro de renome internacional”.



Entre reuniões, trabalhos técnicos e atividades sociais, o Brasil teve destacada participação nas seguintes mesas-redondas: **Fontes de Tecnologia** - com apresentação de Cláudio de Campos, co-autor do trabalho, com o dr. Leopoldo Rodez; **Bens de Capital na América Latina** - presidida por Milton Pilão, que apresentou o trabalho de Celso Cavalari; **Matérias-Primas** - exposição de Celso Fuelker, com a colaboração de Alberto Fernandes e Gesa Arboce; **Fatores Limitantes** - com apresentação do professor Jacques Marcovitch. A apresentação dos trabalhos, de uma forma geral, despertou enorme interesse dos congressistas.

Américo Pereira da Silva destacou a grande repercussão da mesa-redonda Fatores Limitantes, na qual a Cicepla expôs um trabalho preparado por Horácio Cherkassky e lido por Humberto Escotto. Nela, fez-se um retrospecto das atividades desta entidade, “muito bem preparado e apresentado e que, por isso mesmo, foi um dos que receberam a maior parte das perguntas dos congressistas - que superava a 100 pessoas”. As perguntas mais frequentes abordavam as atividades da Cicepla, feitas por mexicanos que participaram de sua constituição, da elaboração de seus estatutos e definição dos objetivos no período 1974/75. Pelo que foi apresentado, eles entendiam que os objetivos da Cicepla estavam sendo cumpridos apenas parcialmente.

Segundo Américo Pereira da Silva, foi ressaltado que o maior objetivo da entidade que, deveria ser a promoção de negociações zonais latino-americanas, em toda a sua plenitude, inclusive em nível de governo, não ocorrera, com grandes prejuízos para o continente, que precisou recorrer a terceiros, dando chances, sem reciprocidade. Este ponto, informou o chefe da delegação brasileira, foi profundamente analisado e tanto o presidente da Câmara de Comércio Mexicana quanto Humberto Escotto se incumbiram de levar este ponto para discussão na próxima reunião da Cicepla, em São Paulo, de 22 a 24 de outubro deste ano.

Participaram do congresso todos os países da América Latina e representantes da Espanha, Portugal, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Suécia e outros países europeus.

A DESTACADA ATUAÇÃO DO BRASIL NESSE CONGRESSO

O Brasil teve destacada participação no IV Congresso Latino-Americano de Celulose e Papel, realizado em maio, na cidade do México, conjuntamente com a XXVI Reunião Anual da ATCP - Asociación Técnica de La Celulosa e del Papel de México, patrocinada pela OEA - Organização dos Estados Americanos. Os representantes brasileiros tiveram maior participação em quatro mesas-redondas: Fontes de Tecnologia; Bens de Capital na América Latina; Matérias-Primas; Fatores Limitantes.

A delegação brasileira, chefiada por Américo Pereira da Silva, representante oficial da ABCP - Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel, junto a ATCP do México, foi composta por Alber-

to Fernandes Sagarra (Beloit-Rauma); Alberto Ferreira Lima (do IPT, representando o dr. Leopoldo Rodez, diretor do Centro Técnico de Celulose e Papel, que não pôde viajar por motivo de saúde); Celso Cavalari (Cavalari S.A.); Cláudio de Campos (presidente em exercício da ABCP); Gesa Arboce e Renato Gamoeda (Peróxidos do Brasil); Milton Pilão (Pilão S.A.); Jacques Marcovitch (professor-titular da Universidade de São Paulo); Renato Monteiro (Grupo Ripasa); e Rosemary Vernice da Silva (Wexpel Indústria e Comércio Ltda.). Humberto Escotto do México, vice-presidente da Cicepla, representou Horácio Cherkassky, presidente da entidade, que não pôde comparecer por motivos de saúde.

AGOSTO

AAcodal (Asociación Colombiana de Ingeniería Sanitaria y Ambiental) realiza, entre os dias 19 e 21 de agosto o **Taller Internacional sobre el Manejo de Residuos Sólidos Peligrosos**, no Hotel Intercontinental de Cali. A oficina, patrocinada pela Seccional Valle del Cauca da Acodal, objetiva capacitar profissionais tanto do setor oficial encarregado do controle de resíduos sólidos perigosos, como os do setor que os gera, evitando-se os problemas de contaminação e as situações de risco para a saúde da comunidade.

Os conferencistas são: Dr. José Felício Haddad - brasileiro, professor da Faculdade de Engenharia do Estado do Rio de Janeiro; engenheiro mecânico especializado em resíduos sólidos na Universidade de West Virginia, consultor da OPS (Organização Panamericana de Saúde) na área de resíduos sólidos e limpeza urbana; Dr. George Tehobonoglous - norte-americano, **magister em Engenharia Sanitária da Universidade da Califórnia**; PHD em Engenharia Sanitária pela Universidade de Stanford e professor de Engenharia Ambiental da Universidade de Davis, Califórnia; Dr. Kunitochi Sakurai - japonês, engenheiro civil, PHD em Engenharia Ambiental, especialista de desenvolvimento em saúde ambiental do Instituto Japonês para Cooperação Internacional.

As inscrições (US\$200 participante; US\$40 acompanhante) e reservas podem ser encaminhadas à Acodal - Seccional Valle del Cauca - com a coordenadora Maria Teresa Sterling - Av. 9ª A Norte 10N-117 - Fone 68-1075 - Apartado Aéreo 6720 - Cali - Colômbia.

O Departamento de Energia da Fiesp promove no dia 13 de agosto o seminário sobre **Suprimento de Gás Natural para a Indústria**. Em virtude da coincidência de temas, o GT-13 cancela evento marcado para o dia 7 daquele mês e participa desse encontro mais abrangente.

O Governo do Estado de São Paulo realiza o XIV Concurso Nacional do Invento Brasileiro - Prêmio Governador do Estado, com o objetivo de estimular a capacidade criativa, premiar o esforço da pesquisa em novos desenvolvimentos, colaborar na aceleração desses desenvolvimentos e divulgar a tecnologia gerada no País, visando sua efetiva incorporação ao mercado. Ao vencedor será concedido prêmio de Cz\$ 100 mil.

Poderão participar do concurso pessoas físicas e jurídicas de todo o País, com um ou mais inventos. Somente serão aceitos inventos com patentes concedidas ou com pedidos de privilégio em andamento (Patente de Invenção ou Modelo de Utilidade). As propostas de inscrições poderão ser solicitadas ou retiradas no Sedai (Serviço Nacional de Assistência aos Inventores): Av. Angélica, 2.632 - 9º andar - Fone: 231-5355, ramal 45 - Telex: (11) 32516 Seai BR - São Paulo - SP.

O Cendec (Centro de Treinamento para o Desenvolvimento Econômico), órgão da Seplan (Secretaria de Planejamento da Presidência da República), promove de 11 a 29 de agosto um curso sobre Políticas de Comércio Exterior, destinado à preparação de recursos humanos para o desempenho de atividades nesta área.

O curso envolve os seguintes

temas: Conjuntura Econômica Mundial; Dívida, Ajuste e Financiamento Externo; Comércio Exterior Latino-Americano, Cooperação e Integração; Política e Instrumentos do Setor Externo; Política de Comércio Exterior; A Evolução da Política Brasileira de Comércio; Exportação de Serviços; Política de Importação. Maiores informações no Cendec: Av. W/5 Norte - Quadra 908 - Módulo E - Caixa Postal 040013 - CEP 70312 - Brasília - DF: pelos fones: (061) 274-1312/274-5112 ou pelo Telex (061) 1023.

SETEMBRO

A Risi — Resource Information Systems, consultoria de informações econômicas de desenvolvimento e suprimento sobre a indústria internacional de produtos florestais, realiza a conferência anual **O Desafio Contínuo, Competição e Novos Produtos Florestais Mundiais**, de 23 a 26 de setembro, no Lafayette Hotel, em Boston, Massachusetts.

Maiores informações com a Risi - Resource Information Systems, Inc. 100 Great Road - Bedford, MA 01730 - Fone (617) 271-0030 - Telex 265634 Risi-UR. Lafayette Hotel - Fone (617) 451-2600.

Entre os dias 8 e 14 de setembro será realizada a II Fepag (Feira de Embalagem, Papel e Artes Gráficas), no Centro de Convenções de Pernambuco. Paralelamente ao evento, haverá seminário e palestras ligados aos setores de papel, embalagem e artes gráficas do Norte e Nordeste.

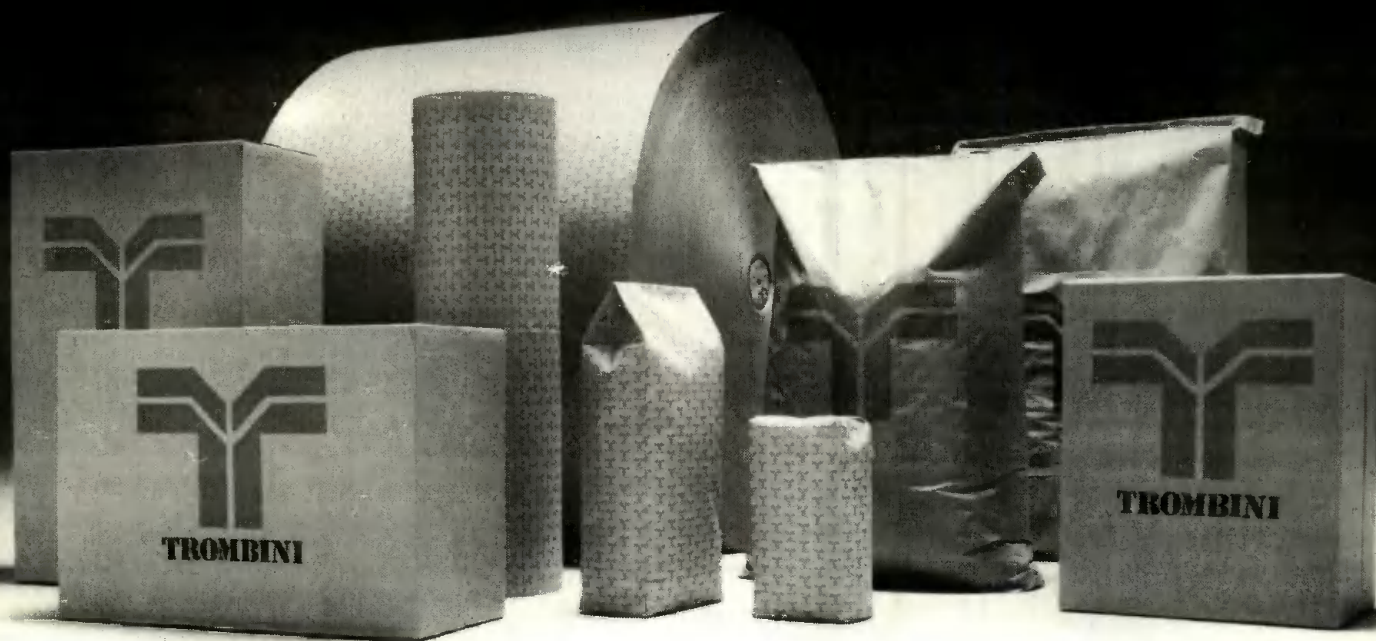
Maiores informações e pedidos de inscrições podem ser encaminhados à direção da II Fepag: Rua do Espinheiro, 683

- Recife - PE - CEP 50000, ou à Alcântara Machado; Rua Gabriel dos Santos, 385 - São Paulo - SP - CEP 01230.

Dentro do programa global do Hospital do Sepaco, de promover o esporte e o lazer como fator condicionante da saúde, será realizada, a partir do dia 20 de setembro, mais uma **Olimpíada dos Papeleiros**. Das dez modalidades programadas, nove terão disputas masculinas e femininas: futebol de salão, vôlei, basquete, natação, atletismo, xadrez, dama, dominó e tênis de mesa, enquanto que o futebol de campo ficará restrito aos homens. Em 1985, o evento contou com mais de cinco mil participantes, número que deverá ser superado nesta terceira Olimpíada, em que já havia 32 empresas inscritas quando do fechamento desta edição. O encerramento se dará com uma **minimaraton** pelas ruas de Vila Mariana, em que cerca de 500 atletas percorrerão dez quilômetros, tendo o Hospital do Sepaco como ponto de partida e chegada.

Com o apoio da Associação dos Engenheiros Alemães; Câmara de Comércio e Indústria Brasil/Alemanha; Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, a Refa (Associação para o Estudo do Trabalho e a Organização Empresarial) promove, nos dias 18 e 19 de setembro, no Hotel Transamérica - São Paulo, o Simpósio sobre Produtividade Empresarial "Métodos e Sistemas para Melhorar sua Eficácia". O evento destina-se a empresários e executivos de todos os níveis do ramo industrial, comercial e de prestação de

Nós investimos no papel da indústria.



O verdadeiro papel da indústria é o de atender às exigências do seu consumidor, em qualidade e volume de produção. E neste sentido que o Grupo Trombini está estruturado, da matéria-prima à fabricação dos seus próprios equipamentos.

As 11 empresas do Grupo Trombini movimentam 14 fábricas em todo o Brasil, atuando de forma integrada nas áreas de florestas, agropecuária, indústrias de celulose, papel, embalagens de papelão

ondulado, sacos de papel e máquinas e equipamentos específicos para o setor — sempre, e acima de tudo, preservando a qualidade.

Um trabalho que vem proporcionando ao Grupo Trombini um crescimento racional e permanente, que traduz a vitalidade da nossa economia e antecipa um desenvolvimento industrial ainda mais intenso, baseado no investimento planejado e contínuo no papel da indústria.



Grupo Industrial Trombini

serviços. Para maiores informações, dirija-se à Soma - Relações e Comunicações: rua Tupi, 841 - Pacaembu - Fones (011) 66-0146/67-5968 - São Paulo - SP - CEP 01233.

O U T U B R O

A ABPM — Associação Brasileira de Preservadores de Madeira, em conjunto com o IPT — Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, e o IBDF — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, realizará em São Paulo o II Encontro Brasileiro de Preservação de Madeiras, nos dias 27, 28 e 29 de outubro.

A Cicepla - Confederação Industrial de Celulose e Papel Latino-Americana, promoverá em São Paulo sua próxima reunião de comissões e do seu Conselho Deliberativo, tendo como anfitriã a ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose. Participarão as delegações dos países-membros (além do Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Peru, Colômbia, Venezuela e México) e representantes de outras nações, na qualidade de observadores. As reuniões serão desenvolvidas de 22 a 24 de outubro nas dependências do Maksoud Plaza Hotel, em São Paulo e tratarão de temas relacionados com recursos fibrosos, estatísticas de produção, vendas e consumo, política de desenvolvimento industrial, meio ambiente e energia, análise do mercado e Aladi - Associação Latino-Americana de Integração.

As comissões de trabalho serão instaladas no dia 22, seguindo-se a apresentação dos países presentes e almoço de trabalho. O programa do dia será encerrado com um impor-

ante informe da FAO - Organização de Alimentação e Agricultura da ONU: o estudo sobre a oferta e demanda mundiais de celulose e papel, com apresentação de Phil Wardle. Este informe fornecerá importantes subsídios ao planejamento setorial.

No dia seguinte prosseguirão os trabalhos das comissões e haverá reunião do Conselho Diretivo da Cicepla, sendo elaborado o informe final com base nas conclusões das Comissões de Trabalho. O Conselho Diretivo reunir-se-á no dia 24, sexta-feira, pela manhã, quando também serão apresentados os informes finais. A reunião será encerrada com a presença de autoridades, na manhã desse dia, seguindo-se almoço de conagração na Fazenda Rio da Prata (Campinas), tendo como anfitrião. Horácio Cherkassky, presidente da ANFPC e da Cicepla.

A presença dos empresários brasileiros do setor é da mais elevada importância, considerando o avanço dos programas de integração regional no setor e em relação a terceiros países, a partir dos acordos assinados pelo presidente Sarney com os presidentes da Argentina e do Uruguai. Maiores informações e inscrições na Secretaria Executiva da ANFPC.

N O V E M B R O

A ABCP — Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel promoverá, de 24 a 28 de novembro, no Palácio das Convenções do Parque Anhembi (SP), o 19º Congresso Anual de Celulose e Papel. Paralelamente, acontecerá a Exposição Industrial Celulósico-Papeleira.

No programa técnico, o evento prevê cinco sessões sobre os temas: setor florestal;

matérias-primas; processo de fabricação de celulose e papel; equipamentos; acabamento e conversão; processo; controle de qualidade; e serviço

Durante o evento haverá encontros, mesas-redondas e painéis sobre os seguintes assuntos: Celulose; Recuperação; Papéis e Cartões; Engenharia e Manutenção; Meio Ambiente; Administração Industrial; Segurança Industrial; Desenvolvimento de Recursos Humanos. Além destes, abrigará o II Encontro de Instrumentação e Controle de Processo e o I Congresso de Controle de Qualidade (que tratará dos novos métodos de controle; controle de processo; administração participativa; e controle de qualidade amplo empresarial).

Da exposição farão parte os setores de máquinas, engenharia, produtos, processos e serviços, matérias-primas, equipamentos auxiliares, instrumentação etc.

Os melhores trabalhos técnicos apresentados, além de prêmios, terão ampla divulgação. O idioma oficial será o português, embora os trabalhos possam ser apresentados em inglês e espanhol, com tradução simultânea, inglês/português e português/inglês, em algumas palestras. Maiores informações pelo fone (011) 572-9182.

F E V E R E I R O

Raffles City, na Cingapura, sediará dois grandes eventos internacionais, no próximo ano: a *I Pubcon Expo 87* e o *I Congresso Anual de Editores do Mundo Asiático*, de 23 a 27 de fevereiro de 1987.

A *Pubcon Expo* contará com a participação de 800 delegados de todo o mundo, além dos quatro mil visitantes,

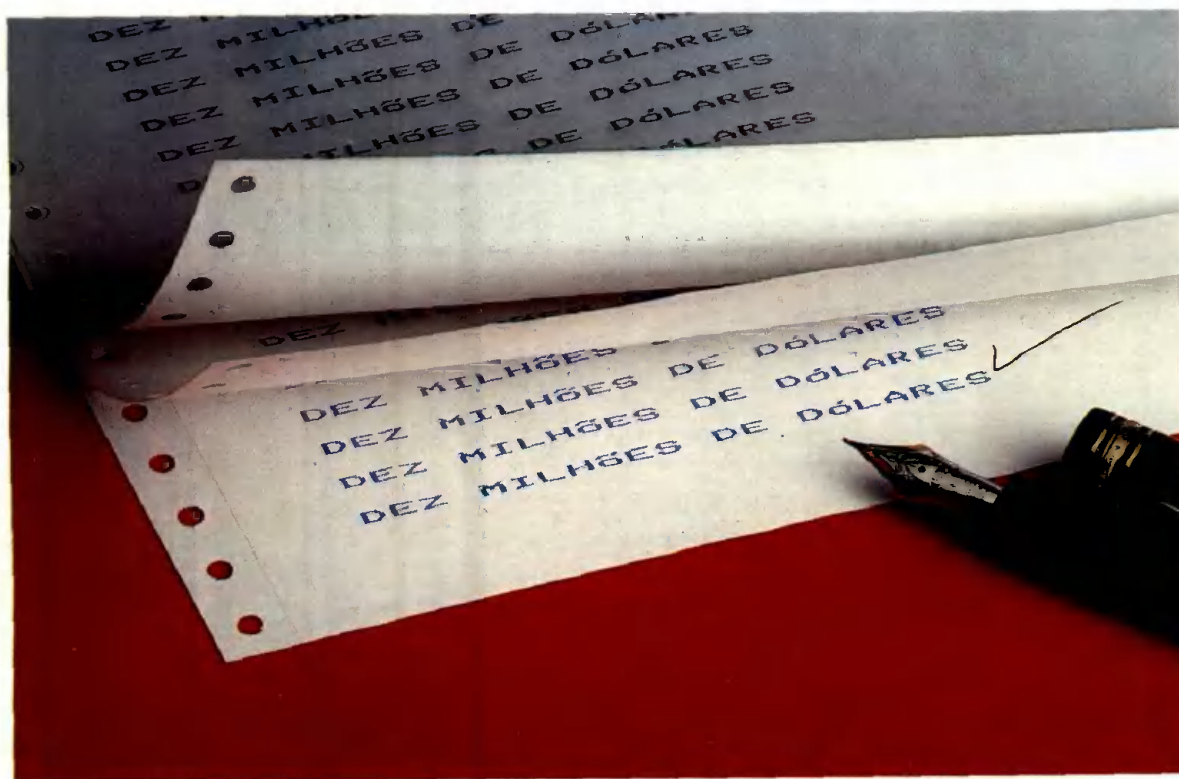
apresentando as últimas novidades em equipamentos e tecnologia de impressão, serviços de tipografia, distribuição, entregas de cargas, representação de mídia, agenciamento e outros produtos e serviços do gênero. Projetos de *stands* estão disponíveis no escritório da secretária do evento.

Já o *I Congresso Anual de Editores do Mundo Asiático*, promovido em associação com a revista *Folio* (dos EUA), destina-se a editores estrangeiros e locais e outras organizações do ramo com interesses na bacia asiática do Pacífico.

Na oportunidade, 36 líderes editoriais e da área de publicidade falarão na parte da manhã aos delegados sobre assuntos diversificados, entre os quais lançamentos de novas publicações, administração de negócios, aperfeiçoamento de técnicas de publicidade e vendas e aumento de produtividade. À tarde, outros 28 especialistas se apresentarão em oficinas para o desenvolvimento de novas técnicas e troca de informações. O idioma oficial da conferência será o inglês e todas as palestras serão traduzidas simultaneamente para o japonês e chinês.

Contando com conferencistas dos Estados Unidos, Japão, Hong-Kong, Austrália, de países asiáticos e da Europa, o Congresso de Editores oferece oportunidade ao pessoal do setor para absorver novas técnicas e explorar oportunidades de negócios. Para maiores informações, entrar em contato com Regina Lee - Cingapura - Fone 3394377 - Telex RS 55970. Outras comunicações podem ser efetuadas através dos seguintes telefones: Hong-Kong (3-7552111); Tóquio (044-955-7206); Inglaterra (0753-71011); Estados Unidos (203-972-0761).

SABE QUANTO CUSTA UM FORMULÁRIO EM EXTRA COPY?



Dez milhões de dólares
Parece muito dinheiro. E é mesmo.
Foi quanto o Grupo Simão investiu
na tecnologia de produção de papel
autocopiativo. Em equipamentos,
treinamento de pessoal no exterior,
materiais, testes, etc.

Mas valeu a pena. Hoje, no Brasil, o
papel autocopiativo Extra Copy
apresenta um padrão de qualidade
que se equipara aos melhores do
mundo e já está sendo exportado
para vários países da Europa e
Estados Unidos.

Agora, com Extra Copy,

você pode tirar o carbono da vida da
sua Empresa. Seus relatórios vão
sair da impressora em quantas vias
forem necessárias.

Com menor volume, sem sujeira,
sem quebra de sigilo e com perfeita
copiabilidade.

Tudo muito mais rápido e prático.
E sem carbono.

Utilize uma das melhores
tecnologias em papel autocopiativo
do mundo, sem gastar 10 milhões
de dólares.

O Grupo Simão já fez isso
por você.



**INDÚSTRIA DE PAPEL
PIRACICABA S.A.**
Grupo Simão

COMPETÊNCIA INDUSTRIAL. O FUTURO DEPENDE DISSO.



Nova economia, novos tempos, novas palavras chaves. Competência industrial é a primeira delas. E a GE pode ajudar você a torná-la realidade dentro de sua empresa. Seus motores e geradores industriais fabricados em Campinas representam o que existe de mais avançado em matéria de desenvolvimento tecnológico. Estão presentes em todos os segmentos da indústria de base nacional. E em diversos países do mundo, gerando divisas e prestando serviços à causa da eficiência. Se você quiser abrir as portas de um novo futuro para sua empresa, procure a palavra chave na GE do Brasil. Competência industrial. O futuro da sua empresa depende disso.

GENERAL  ELECTRIC

FUTURO FEITO DIA A DIA.